

# **Alguns Elementos para a História de Valhascos**

**Coligidos por**

**Luís Manuel Gonçalves  
2001**

# Índice

BREVE SINOPSE HISTÓRICA .....	3
LUTAS RELIGIOSAS E CÍVICAS DA PRIMEIRA REPÚBLICA.....	7
UMA HISTÓRIA CURIOSA EM TORNO DA CAIXA DO CORREIO.....	26
DECRETO-LEI DA CRIAÇÃO DA FREGUESIA DE VALHASCOS .....	29
ALGUNS ANTECEDENTES .....	31
ALGUMAS NOTÍCIAS E CURIOSIDADES DAS FESTAS DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA .....	36
OUTRAS NOTÍCIAS DE VALHASCOS .....	42

## BREVE SINOPSE HISTÓRICA

Valhascos tem como orago Nossa Senhora da Graça e a sua Igreja Paroquial começou a construir-se em 21 de Abril de 1902. A primeira pedra foi colocada por Manuel Inácio, de 80 anos de idade e o aviamento foi dado por Maria Jerónimo, de 108 anos de idade. Foi inaugurada em 18 de Outubro de 1904.

Existem, ainda, as ruínas da Ermida de Nossa Senhora da Graça, a cuja imagem se refere Frei Agostinho de Santa Maria, na sua obra «*Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas*» - 1711, na forma seguinte:

*«Da Vila de Sardoal já tratámos descrevendo no primeiro tomo destes nossos Santuários, os princípios da milagrosa imagem de Nossa Senhora da Caridade - Livro I - Título 28. Agora tratamos da milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Graça, que se venera no mesmo termo ou distrito da mesma Vila, em distância de meia légua, num lugar chamado Valhascos; nele, pois se vê o Santuário e Ermida da Senhora, que de seus princípios e origem já não há quem possa dar dela nem a menor notícia e só por tradição se diz que um devoto e antigo ermitão, chamado Frei Manuel, o qual havia muitos anos que mandara azulejar aquela Ermida e que ele também lhe mandara fazer o alpendre que não tinha na entrada da sua porta principal e sobre ele um coro e aos lados da igreja acrescentara corredores para serventia do púlpito e coro, e casas para recolhimento dos Romeiros que continuamente vão visitar aquela milagrosa Senhora; com que se este devoto fez estas obras, com que aumentou no temporal aquela casa. Também o faria no espiritual, movendo com a sua fervorosa devoção a todos, a que com mais diligências frequentassem a Casa da Virgem Senhora e daqui se segue que a casa já haveria muitos anos que fora fundada.*

*É esta Igreja muito bonita. O corpo dela tem o comprimento de trinta passos, até ao arco da Capela-Mór. Nela se vê um retábulo antigo com três nichos, dois dos lados e no primeiro deles que é o da parte do Evangelho, se vê a Imagem do Salvador do Mundo e no da parte da Epístola se vê colocada uma Imagem de Santa Teresa. Esta poderá ser mais moderna. No do meio, que fica mais superior, está colocada a Imagem da Virgem Senhora da Graça. É formada de escultura de madeira e tem de altura três palmos e se vê adornada de manto e coroa imperial de prata. Nos braços tem o Menino Jesus, olhando para a Senhora, mas com tal proporção e modo que, juntamente, parece estar olhando para o povo, como que lhe diz: Buscai a esta Senhora, porque é por seu meio que conseguireis a minha graça e favor!*

*É esta Santíssima Imagem de muito grande devoção e, assim, é o Santuário muito frequentado de romagens e, assim, são muitos os devotos que continuamente vão visitar a Senhora da Graça naquele seu devoto Santuário em todo o discurso do ano. Obra esta Senhora muitas maravilhas e milagres, como o estão publicando as muitas memórias e sinais deles, os quais se vêm pender das paredes da sua casa. Tem mordomos, que se elegend anualmente, os quais com muita devoção a servem e festejam em 8 de Setembro, dia da sua Natividade, o que fazem com muita perfeição. Tem também a Senhora um Ermitão que tem cuidado daquele seu Santuário e o tem com muito asseio e limpeza, o qual cuida muito do conserto do seu Altar. Tem um capelão que lhe diz missa em todos os Domingos e dias de preceito, o qual a diz por intenção dos seus devotos e mordomos, o que eles pagam e serão os moradores daquele distrito e os da Vila do Sardoal.*

Junto à antiga Ermida de Nossa Senhora da Graça era o antigo cemitério, onde, dizem, havia sepulturas brasonadas, talvez da família Brandão de Cordes e Ataíde, do Pouchão. Junto desse cemitério, quase à superfície da terra, no meio da lavoura, encontrou-se um esqueleto que dizem de um oficial romano. Tinha ao lado a espada e ainda se conheciam os galões. Perto deste local, ainda hoje existem restos da antiga calçada romana.

Existe também uma capela dedicada a S. Bartolomeu, que se diz ser do século XVII, pois um pergaminho da Igreja do Sardoal desse século faz referência a ela. É uma construção de pedra tosca, possuindo apenas um altar com a imagem de S. Bartolomeu, com o demónio preso por uma corrente. Diz-se que, certo dia, andando o demónio por ali, numa vinha a roubar uvas, foi visto e preso por S. Bartolomeu, que desde então nunca mais o largou e, por isso, todos os anos na época das uvas é costume irem pôr um cacho delas junto à boca do diabo, para ele as comer.

S. BARTOLOMEU, foi um dos doze Apóstolos. Nos Evangelhos de S. Mateus e de S. Lucas, é associado com Filipe e citado junto a este no de S. Marcos. S. João não o menciona, mas parece que o identifica com Natanael, a quem Filipe correu a anunciar a nova de haver achado o Messias. Hoje, generaliza-se a crença de serem Bartolomeu e Natanael a mesma personagem. Afora o que atrás dizemos, nada mais sabemos pela Bíblia acerca deste Santo. O primeiro relato que na literatura aparece é do historiador Eusébio, segundo o qual se acharam na Índia, no século II, cristãos que disseram terem sido instruídos por S. Bartolomeu. Segundo vários relatos, teria pregado na Mesopotânia, Pérsia, Egipto, Frígia, margens do Mar Negro e Arménia. Não goza de grande autoridade a lenda do martírio do santo, que inspirou, entre outros, um magnífico quadro de Rebeca.

Nos painéis quinhentistas pintados em Portugal durante a primeira metade do século XVI, segue-se a tradição do martírio do santo, confirmada por S. Teodoro. Se o quadro não reproduz a cena em que lhe arrancaram a pele, como no famoso retábulo da capela de S. Bartolomeu da Sé de Lisboa e no painel central do tríptico da igreja de Ansede, exhibe a faca, utensílio simbólico do martírio ou o demónio preso por uma corrente. São casos do pequeno painel oval existente no relicário da Igreja de Santa Cruz de Coimbra e da fredela da Vasco Fernandes do Museu Grão Vasco de Viseu. As duas primeiras obras são, porém mais representativas sob o ponto de vista iconográfico.

A sua festa celebra-se a 26 de Agosto.

Na mesma obra «*Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas*», Frei Agostinho de Santa Maria, refere-se a Valhascos, quando se refere à Imagem de Nossa Senhora da Caridade da Vila do Sardoal, contando a seguinte história, que reputo de muito curiosa:

*«...Uma notável maravilha, refere o Cronista da Piedade, dizendo desta sorte: que saindo os Religiosos a pedir esmola de pão, como costumavam fazer e chegando a um lugar chamado Valhascos (no livro o autor escreve Velhascos), aonde os Religiosos costumavam ir de quinze em quinze dias pedir esmola de sacola, chegando numa ocasião a pedir à porta de um Irmão da Ordem, muito devoto aos Frades e da Senhora da Caridade, chamado João Gonçalves, mandou este à mulher que desse a esmola que costumava dar em todas as segundas-feiras que era o dia em que pediam, ela por pouco devota e por não ter pão para a semana toda, porque suposto que no sábado antecedente tinha amassado, havia tido tantos hóspedes no Domingo, que não ficaram mais que dez pães de toda a*

*amassadura, se escusava de lha dar. Contudo o marido, sem respeitar as razões que a mulher dava para não dar a esmola, mandou logo que lhe desse os seis pães que tinha de costume. Não pôde ela deixar de o fazer e suposto que com pouca vontade, lhe fez a esmola, ficando só com quatro pães. Porém, Deus que estima sempre a caridade, mostrando os seus poderes, foi servido e também pelos merecimentos de Sua Santíssima Mãe, que não faltasse naquela casa o pão por toda a semana inteira, em que costumava durar a amassadura e havendo naquela família oito pessoas, todas comeram dos quatro pães e os seis dias seguintes, com muita abundância, porque todas as vezes que a mulher ia buscar o pão à arca, achava o que lhe era necessário para aquele dia, do que ficou tão admirada que mudando a sua condição e reconhecendo a sua pouca caridade, começou a ser mais devota dos Religiosos e a ter mais caridade com os pobres e ter mais devoção à Senhora da Caridade, obradora desta maravilha a favor dos seus Capelães....»*

A referência mais antiga que consegui, até agora, localizar sobre Valhascos, é a que consta no Censo Geral do Reino de 1527, conforme vem publicado no «*Arquivo Histórico Português (pags 263 e 264 do VI Volume) - Povoações da Estremadura no XVI Século*»:

**A vila dAbrantes  
do Ifante dō Fernando  
E o Sardoall he villa, e he de dō António dAlmeida**

**It.** Fui eu Jorge Fernandes, escrivão, à vila de Abrantes e com o juiz e escrivão da Câmara tomei informações dos moradores da dita vila e achei o seguinte: é do Conde de Abrantes. Na vila de Abrantes há 775 vizinhos no corpo da vila, dos quais são 72 cavaleiros e escudeiros e 45 clérigos e 92 viúvas e o mais é povo.

**Título do termo de Abrantes.** Punhete (actual Constância) que é deste Condado de Abrantes tem 311 moradores. Destes são 7 escudeiros e 8 clérigos e o mais he povo. A vintena do Pedo tem 53 vizinhos - A vintena de Santa Margarida, 42 - A vintena de Pero Fernandes, 39 - A vintena de Rio Torto, 53 - A vintena de Barrada, 36 - A vintena de Alvega, 59 - A vintena de Penosinhos, 55 - A vintena de Alcolobra, 25 - A vintena de Martinchel, 25 - A vintena de Rio de Moinhos, 75 - A vintena de Montalegre, 76 - A vintena das Melhariças, 63 - A vintena do Panascoso, 61 - A vintena dos Valhascos, 60, - A vintena de Buseira com os casais, 67 - A vintena de Ribatego, 27 - A vintena das Sentieiras, 61 - A vintena de Alferrarede (actual S. Simão) (*termo do Sardoal*), 65 - A vintena do Souto, 46 - A vintena de Alcaravela, 58 - A vintena de Aldeia do Mato, 15 - O Sardoal que é deste Condado de Abrantes (*D. António de Almeida*), tem 500 vizinhos e tem 4 vizinhos no seu limite, destes são 3 cavaleiros e 21 escudeiros e 135 viúvas e o mais é povo. (*Houve o Sardoal de termo 200 vizinhos e dizem que dos do Sardoal quebraram na peste cento, de maneira que o Sardoal e seu termo fica agora de 600 vizinhos*).

**A vila de Abrantes tem de termo para a parte de Santarém duas léguas e para a parte da Ponte de Sor tem quatro léguas de termo e para a parte da vila do Mação tem quatro léguas de termo.**

**Parte com as vilas de Santarém e Tancos e com a Vila da Ponte de Sor e com Vila de Rei e Foz do Codes. Segundo que mais compridamente fica assinado por eles oficiais no livro que em poder de mim Jorge Fernandes, escrivão, fica. Soma ao todo, 2 661 vizinhos.**

Cinco anos depois, na Carta de Demarcação do termo da Vila de Sardeal (criada em 22 de Setembro de 1531), dada em 10 de Agosto de 1532, em Lisboa, por D. João III, Valhascos passa a integrar o termo da Vila de Sardeal:

***«... e da vintena de Valhascos, será a aldeia com seus rossios. (...) E daí a um arrife de pedras que estão no cimo do Sobral, onde está uma pedra alevantada nadível de seis palmos em alto sobre a terra e daí por baixo das oliveiras da Murteira, direito à fonte dos Valhascos e fica a fonte dentro da demarcação e daí vai direito ao rossio da aldeia a uma oliveira que tem três penedos nadíveis ao pé e daí por um arrife de pedras ao redor da casa dos herdeiros de Fernão Afonso (...) E para do monte de Valhascos ir tomar água de Arcez, irá partindo da Portela do Mourisco, caminho de S. Lourenço, até dar direito de Arcez, posto que dentro da demarcação fiquem três casais da dita vintena de Valhascos, porquanto hei por bem que fiquem no dito termo do Sardeal e sejam dele, além da aldeia e seus rossios.»***

## LUTAS RELIGIOSAS E CÍVICAS DA PRIMEIRA REPÚBLICA

**JORNAL DE ABRANTES - 18 de Agosto de 1912**

### **O Vigário do Sardoal é expulso de Valhascos**

No domingo à tarde começou a constar nesta vila a notícia de que o povo dos Valhascos houvera intimado o Vigário do Sardoal, Padre Silva Martins a não mais ali voltar a dizer missa.

Por isso o passeio era duplamente agradável porque, para além de irmos conhecer tão ubérrima povoação, podíamos travar conversa com o povo que tem prestado os mais dedicados serviços à República. Mas quando nos dispúnhamos a partir, aparece um amigo conhecedor dos factos, que nos diz à queima-roupa:

-Não sabe? O povo de Valhascos num justo desforço, acaba de expulsar de lá o Vigário do Sardoal, que ali ia dizer missa aos domingos!

Este amigo estava ao facto de tudo, por isso dispusemo-nos a ouvi-lo e desistimos do nosso passeio.

-Eu lhe conto! - diz-me ele:

Há bastante tempo, nos Valhascos, a ideia republicana se vem desenvolvendo e frutificando com entusiasmo louco, podendo dizer-se que está ali um verdadeiro baluarte, com que a República pode contar para a defender e consolidar quando for preciso e ainda quando foi da última incursão paivante em que foi preciso fazer ronda nas estradas, lá esteve o povo de Valhascos sempre, embora só em parte lhe coubesse o serviço.

No primeiro dia de vigia, o Administrador mandou lá dizer que precisava de 6 homens. Apareceram mais de 30, todos armados e, daí em diante, nunca mais abandonaram a estrada, embora fossem em maior número, por verem que era desnecessária tanta gente. Foi também, entre todas as aldeias, aquela que contribuiu em maior escala para a carinhosa recepção que se fez ao Sr. Dr. Ramiro Guedes, quando como Governador Civil foi ao Sardoal. Foi ela que o recebeu com o mais carinhoso entusiasmo, quando ali foi em propaganda eleitoral fazer o comício.

Foi, também, aquele povo que comprou e ofereceu o mobiliário para uma escola (que infelizmente não funciona), o que lhe mereceu uma portaria do Ministério do Interior do Governo Provisório.

Todos estes actos conjugados serviam para excitar a reacção e como ela não perdoa aos que a flagelam e combatem, nasce daí a propaganda contra aquele bom povo, dizendo-se «que Valhascos era um canto do inferno, gente de má raça» e o incitamento às mais fanáticas a que mandassem os filhos aprender doutrina, em prejuízo da escola.

Tudo isto os republicanos vêm ouvindo com certa resignação, até ultimamente se reunirem, em virtude das opiniões serem unânimes na expulsão do Padre. No passado domingo dirigiram-se todos ao adro da Igreja e ali chamaram o Padre Silva Martins, avisando-o, então, de que de futuro não poderia vir a Valhascos e que naquele dia mal algum lhe aconteceria, mas que se teimasse em lá voltar, sofreria as consequências do seu atrevimento.

Desejando saber as razões porque o expulsavam, foi respondido que eram as que atrás citamos e dizendo ele que não era a opinião da maioria, foi feita a prova que lhe deu a triste desilusão de entre uma multidão imensa «só três fiéis queriam o Sr. Vigário».

De outras evasivas se valeu para ver se aniquilava o movimento, mas os resultados foram negativos, porque o povo respondeu com uma calorosa manifestação à Lei da Separação e ao Dr. Afonso Costa, manifestação que serviu para ele se pôr ao largo sem mais explicações.

Mas não imaginem que foi tudo isto de ânimo leve e autoritariamente. Foi feito depois de uma reunião em que era opinião dominante do povo e se não o tinham feito no último domingo, foi porque o Administrador do Sardoal, não sabemos porquê, nem porquê, ali mandou o Regedor e o Oficial de Diligências como guarda-costas do Padre.

Mas ontem, houvesse o que houvesse e agora estarão todos os domingos dispostos a impedir a entrada do Padre, embora tenham de empregar a força, até que haja a absoluta certeza de que ele lá não volta a dizer missa.

Já o amigo vê que nos Valhascos há uma opinião consciente e verdadeiramente democrática que defenderá a República sempre que seja preciso.

Assim terminou o nosso amigo o relato dos acontecimentos, que me sensibilizaram em extremo pela maneira ordeira, sensata e ponderada como procederam.

Mas antes de entrarmos na análise dos factos, uma pergunta nos ocorreu: Porque mandou o Administrador, o Regedor e o Oficial de Diligências, a Valhascos, sendo as autoridades de lá de sua nomeação e, portanto, de sua confiança?

Para defender o Padre?

Para prender os que o fossem intimar?

Isto é que é preciso saber-se para elucidação dos que amam e defendem a República!!!...

Ao povo dos Valhascos a Redacção do Jornal de Abrantes endereça as sinceras e calorosas saudações pela sua nobre e digna conduta que é a única que no momento actual se deve seguir, para reprimir a reacção e castigar os inimigos da República e traidores da Pátria.

Alto exemplo de hombridade, prova frisante de claro patriotismo, foi o acto praticado por aquele povo Republicano.

**AVANTE POVO DE VALHASCOS! PELA PÁTRIA! PELA REPÚBLICA!**

**VIVA O POVO DE VALHASCOS! ABAIXO A REACÇÃO!**

### **Jornal «O ABRANTES» - 25 de Agosto de 1912**

#### **O POVO DE VALHASCOS**

Conhecíamos-lo já de perto, no seu entranhado amor à República, na isenção do seu procedimento, sempre correcto e leal para com o novo regime, não lhe criando embaraços, nem dificuldades de espécie alguma.

À constatação deste facto damos a certeza absoluta de que os inimigos das instituições republicanas, sobretudo os elementos reaccionários, que os há em abundância no Concelho de Sardoal, não encontrariam nunca ali campo propício para a propaganda das suas doutrinas retrógradas que visam, apenas, a escravidão dos espíritos.

Não nos iludimos na nossa convicção: O que há pouco se passou nos Valhascos com o Padre Silva Martins, vigário no Sardoal, que habitualmente ia todos os domingos àquela povoação dizer missa, justifica, plenamente, o que deixamos dito.

Esse sacerdote, que entre alguns defeitos possui a virtude de ser inteligente, julgou oportuno dever iniciar em Valhascos um trabalho de sapa tendente a cercear, senão a estiolar de todo, os sentimentos liberais que ali se vinham confirmando de uma maneira consoladora, o que para ele, assim como para todos os seus irmãos em Cristo, não era



motivo para alegrias.

Em face desse seu procedimento, entendeu o povo de Valhascos e entendeu muitíssimo bem, que devia prescindir dos serviços do Sr. Vigário e, apontando-lhe num gesto cheio de nobreza e altivez, quais eram os caminhos que conduziam à saída da povoação, para não mais ele voltar ali a exercer as suas funções sacerdotais.

Bela lição essa. Oxalá ela aproveite ao Sr. Vigário que nunca o pode ver com bons olhos e que o bom povo dos Valhascos saiba ser republicano e com liberdade.

### **JORNAL DE ABRANTES - 1 de Setembro de 1912**

#### **VALHASCOS - GRANDES FESTAS CÍVICAS NOS DIAS 8-9 DE SETEMBRO**

As festas que se vão realizar têm um carácter diferente das que aqui se realizavam até aqui. Estas confortam a vida das criancinhas e dos pobres.

Eis o programa:

No dia 8: Cortejo cívico das 10 horas em diante. Às 12 horas, bodo aos pobres. À tarde arraial e à noite fogo de artifício, pelo hábil pirotécnico desta localidade, Sr. Galinha.

No dia 9: Haverá um comício de propaganda republicana, corrida de bicicletas, corrida de burros e cavalhadas. À noite fogo de artifício.

No comício tomarão parte e usarão da palavra dois deputados e outros elementos republicanos.

Estas festas serão abrilhantadas pela bem conhecida Filarmónica Sardoalense.

### **JORNAL DE ABRANTES - 1 de Setembro de 1912**

#### **PELO SARDOAL - DESBRAVANDO**

##### **Exm<sup>o</sup> Redactor do Jornal de Abrantes**

Surpreendido, hoje 27, pelo aparecimento em minha casa - favor de um amigo - pois é jornal que não leio, porque em coisas do Sardoal diz às avessas, sem dúvida proibidade do informador, deparei com uma local que me diz respeito : «O Vigário do Sardoal é expulso de Valhascos».

Permita-me, Sr. Redactor, que lhe pergunte qual é o artigo da Constituição que nos rege que manda ou autoriza a expulsão de um padre duma igreja ou capela, onde celebra a sua missa, sem ofender quem quer que seja, e, a ser expulso quem o poderá fazer?... Será em nome da liberdade dos cultos, que a Lei da Separação apostoliza, mas não garante, ou do livre pensamento, tão pouco livre entre nós ? E a entidade para cominar a pena de expulsão poderá ser um particular idiota ou larvado?!! Pontos esses que desejo ver lavrados no seu jornal.

O povo de Valhascos não expulsa o seu capelão ou pároco, porque sabe quanto lhe é útil a missa lá e que os mandões do sítio foram os primeiros, em tempos, a pedirem a missa.

Venha, Sr. Redactor, até aqui, em digressão inteligente e moralizadora, porque os grandes republicanos da nossa terra conhecem os deveres do cidadão em regime democrático e os nomes dos COMBYNES em passeio, são os mais belos e saborosos; comidos na praça ou em casa são produtos muito falsificados.

Era um bom serviço a este povo, cujas intenções os republicanos daqui - nova edição - desejosos de evidência e que tanto têm subido no capítulo da fama, corrompem e desvirtuam.

Para eles fica bem o que «O PAÍS» dizia há dias: a sua adesão ao regime nascente,

denunciando a mais absoluta falta de pudor, não foi senão um cálculo de ciganos, que há-de degenerar num salto de lobos.

Entrando no assunto da sua local, direi resumidamente:

1º - Como Padre não deixarei de ir a Valhascos dizer missa a custo de todos os trabalhos e ameaças. Compraram crianças para me apedrejar, a troco duns litros de vinho, mas as crianças não quiseram atirar a primeira pedra. Pediram à autoridade administrativa que me proibisse de ir lá, mas a autoridade julgou não dever aceder a caprichos de mal educados e a vingança de corações deformados. Antes garantiu segurança pessoal. No domingo, dia 11 do corrente, logo de manhã, apareceu no adro da igreja de Valhascos o protagonista do movimento, insultando os que vinham à missa e proferindo palavras que brigam com as mais rudimentares educações. Seriam uns 15, os satélites de tão luminoso astro - outro de maior grandeza havia eclipsado o seu brilho e a presença. DEUS não leve em conta «a bondade dos seus corações».

Que fazer perante a arruaça impune e cabeças fora de si? Onde está o sossego e respeito pelo acto religioso e crenças de cada um?...

Pedir à autoridade polícias para o templo, num regime de liberdade de Separação? Profundo engano quando a maldade transborda o coração com aparência de lei e honestidade.

2º-Investigue, Sr. Redactor, a história dumas eleições aqui realizadas há pouco, para louvados do concelho e em que se tinha passado um sindicato para explorar a quinze tostões ao dia. Pergunte, mesmo aí, ao digno representante do Dr. Juiz que veio assistir à segunda eleição e terá resolvido o problema que enunciou o seu jornal de 18 do corrente. Tais são, Sr. Redactor, os factos que por lealdade jornalística e em homenagem à verdade, espero que publicará no número do seu jornal. E os factos são o que são. Eles, só por si, valem um poema, definem um carácter, uma raça, talvez.

São a melhor escola e o mais autêntico inferno.

Sardoal, 27 de Agosto de 1912

Padre Silva Martins

## **JORNAL DE ABRANTES - 8 de Setembro de 1912**

### **AINDA O CASO DOS VALHASCOS**

Propositadamente e para sermos coerentes com os nossos princípios inserimos no último número do nosso jornal a prosa do Padre Silva Martins e fizemos também para que os nossos leitores vissem aquela prosa virulenta e insidiosa como só um génio jesuítico ou dementado pode produzir, tentando defender-se. Só agravou mais, pois na pseudo defesa só há agravos e insinuações pessoais e uma grande ironia, cínica, quando fala da Lei da Separação. Do que o acusaram nada ele refutou e isso pela simples razão que a verdade não é fácil de destruir.

O que lamentamos é o reverendo não ler o nosso jornal, porque a sua leitura lhe poderia ser proveitosa, já que aqui só se diz a verdade e se defendem os verdadeiros princípios patrióticos.

Pela razão e pela verdade é a nossa divisa, embora ela por vezes lhe custe a tragar, mas tenha paciência, reverendo, porque o que deu é produto da sua vaidade, insensatez e malevolência, e, lá diz o ditado: «Quem semeia ventos, colhe tempestades», e foi isso que lhe aconteceu.

O que parece tê-lo magoado foi mais a «epígrafe»: O Vigário do Sardoal é expulso de

Valhascos.

Sim, expulso, é esse o verdadeiro termo a empregar, e foi-o por não ter qualquer relação com um homem como falsamente pretende fazer acreditar, mas sim, por ter agravado uma povoação «honesta e democrática» com as suas estúpidas e venenosas palavras.

E não foi o não de uns quinze, como hipócrita e mentirosamente diz, mas sim pela população quase toda. Esta é que é a verdade em toda a sua nudez!

Sobre idiotas e larvados, isso é teima para uma dissertação científica.

Faça-a, reverendo, e mande-a para cá, porque muito desejamos saber as conclusões a que tenha chegado.

Que insensatez!!!!!!!

Agradecemos o convite que nos fez para ali dar-mos um passeio e comunicarmos-lhe que antecipadamente tínhamos resolvido ir até lá confraternizar com esses republicanos que parecem tê-lo incomodado bastante, o que para eles deve ser uma má glória.

No momento actual o ser-se agredido por um padre que está ao serviço da reacção, creia que é uma honra! Por isso, no dia 9, lá iremos e lá esperamos encontrá-lo e como há um comício, eis a ocasião propícia para o reverendo ver que ali não se dão saltos de lobos, mas sim uma batida a todo o jesuíta que não olha a meios para conseguir os fins.

O que ali há é uma grande força de vontade de bem servir a Pátria e a República. Por isso, AVANTE POVO DE VALHASCOS, pelos são princípios liberais!

## **JORNAL DE ABRANTES - 22 de Setembro de 1912**

### **FESTAS CÍVICAS DOS VALHASCOS**

Nesta importante aldeia do concelho de Sardeal, realizaram-se nos dias 8 e 9 do corrente, importantes festas cívicas que decorreram animadíssimas.

No dia 8 houve bodo às crianças, arraial e à noite um vistoso fogo de artifício e do ar.

Em 9, arraial, corrida de burros, de bicicletas e o comício de propaganda republicana e à noite fogo do ar fabricado pelo incansável pirotécnico desta povoação, Sr. José Lourenço Galinha.

Cerca das 14 horas chegaram a esta aldeia o ilustre deputado deste círculo Dr. João Damas, acompanhado dos amigos e velhos republicanos José António dos Santos; Manuel Oliveira Neto e António Augusto Salgueiro, seguindo todos para casa do cidadão José Dias Conde, onde foi cumprimentado por grande número de cavalheiros e pela Filarmónica União Sardealense, sendo erguidos muitos vivas ao deputado, como também ao ilustre tribuno Dr. Afonso Costa, cujo nome foi alvo de uma grande manifestação de simpatia.

Às 15 horas foi servido em casa do Sr. José Conde um lauto jantar a assistiram muitos amigos, durante o qual se fizeram variados brindes, todos repassados de um vibrante entusiasmo, havendo alguns puramente dedicados à família Conde, pela forma cavalheiresca como recebeu todos os convivas.

Em seguida dirigiram-se todos para o lugar onde deveria realizar-se o comício.

Eram 17 horas quando o cidadão Rafael Alves Passarinho subiu ao estrado, declarando aberto o comício. Depois de explicar os seus fins, propôs para presidir o velho e prestigioso republicano de Abrantes, José António dos Santos, natural de Sardeal, mas ali residente há longos anos e para secretários os cidadãos, António Carvalho Tramela, conceituado comerciante no Sardeal e José Dias Conde, proprietário nos Valhascos, o que tudo foi aprovado no meio de calorosos aplausos.

Depois do presidente agradecer tão carinhosa manifestação, deu a palavra ao cidadão

António Dias Conde, que historiando a questão religiosa desde o seu princípio caiu a fundo sobre a seita jesuíta, mostrando quanto ela tem sido funesta à família e aos destinos da paz.

Falou em seguida o cidadão António Augusto Salgueiro que descreveu a incursão picante nas suas diversas faces, mostrando a evidência que os traidores eram mercenários e bandidos sem nível e sem pátria. Seguiram-se no uso da palavra o cidadão Eduardo Valente que analisou várias Leis: da Separação, da Família, do Registo Civil e do Recrutamento Militar, afastando a ideia que muitos têm de que República pouco tem produzido. Por fim, falou o deputado Dr. João Damas que em frases arrebatadoras e repassadas de entusiasmo, começou por agradecer a carinhosa manifestação que lhe acabavam de fazer e que ele tomava como se fosse feita à República.

Disse estar no firme propósito de explicar aos seus eleitores os motivos que o levaram a filiar-se no grupo democrático, mas ao chegar ali um facto o sensibilizou em extremo, que é ver sobre o peito de quase todos o retrato do eminente homem de Estado, verdadeiro sustentáculo da República e glorioso chefe do Grupo Democrático, Afonso Costa.

Esse facto, disse, leva-o a desistir do seu propósito, porque vê que todos partilham das suas ideias e que o seu gesto traduziu muito o pensar daquele honesto e trabalhador povo dos Valhascos. Fazendo a análise dos desmandos da monarquia, pôs em destaque as roubalheiras que então se praticavam e que conduziriam à ruína, se a República não viesse salvar-nos.

Deste modo terminou o ilustre deputado, por entre calorosos vivas à República e ao Dr. Afonso Costa. Findo este discurso propôs o Sr. António Dias Conde que se enviasse um telegrama de saudação ao Sr. Afonso Costa, em nome do povo dos Valhascos.

Como ninguém quisesse usar da palavra, o cidadão presidente agradeceu a todos a maneira ordeira e cordata como se portaram, o que para si era bastante significativo e encerrou o comício com vivas ao povos dos Valhascos.

Todos os oradores foram aclamados entusiasticamente e os seus discursos cortados com vivas à República e ao Dr. Afonso Costa.

E, deste modo terminou a imponente festa republicana que a todos deixou gratas recordações e que para a República constituiu um triunfo, por ser a primeira festa cívica que ali se fez, em substituição das religiosas, onde a reacção ainda pretende dar leis.

Foi este grande povo, essencialmente republicano, que ainda há pouco expulsou daqui o vigário do Sardoal, Padre Silva Martins, por dizer que a gente dos Valhascos era de má raça e ainda outras heresias próprias da reacção. Por isso, após a expulsão dum padre nada mais belo que uma festa cívica, onde se afirmou a solidariedade de todos perante aquele acto cheio de verdadeira alegria e entusiasmo.

À Comissão dos festejos, especialmente a José Dias Conde e a António Esteves, os nossos sinceros agradecimentos pela obra que empreenderam. É preciso não esmorecer para que de futuro continuem trabalhando como guarda avançada da República nos Valhascos. Ao fim da tarde o Sr. António Esteves convidou para sua casa vários amigos a quem ofereceu o clássico copo de água.

Fizeram-se vários brindes, sendo o primeiro à família Esteves e o principal oferecido pelo Dr. Serras Pereira. Correu tudo na melhor ordem e todos se retiraram extremamente penhorados pela amabilidade do Sr. Esteves, que ainda nos acompanhou ao bota-fora.

Viva o povo de Valhascos!

E assim terminou a grande festa.

## «O ABRANTES» - 22 de Setembro de 1912

### Correspondência de Valhascos

#### Valhascos, 4 de Setembro de 1912

Em carta dirigida ao «JORNAL DE ABRANTES» vem o Senhor Padre Silva Martins, todo levado dos demónios contra o povo de Valhascos. Nesse documento revela, sua reverendíssima, todo o seu maior rancor, esquecendo-se que lhe incumbe o dever moral de pregar e de se exercitar nas belas doutrinas que atribuem a Cristo e, nunca, como frequentemente sucede, dar vasão a ódios que lhe fermentem o espírito contra determinados indivíduos desta povoação, os quais, a nosso ver, como de resto na opinião de toda a gente sensata, lhe são muito superiores.

Não é a primeira vez que o temperamento vaidoso, irascível e sobremaneira egoísta do Sr. Vigário Silva Martins, tem levado o povo a manifestar-se-lhe desagradavelmente.

Citar-lhe-emos, por exemplo, a questão do sacristão de S. Tiago, em que chegou a haver bordoadas por uma pá velha, e umas célebres eleições da Irmandade do Senhor dos Passos em que sua reverendíssima teve que se refugiar no altar-mór, ouvindo, entre outros, todos eles protestos e exaltada animadversão(?), gritos como este: *Mate-se o Padre!...*

O Senhor Martins, apesar da inteligência que lhe atribuem, ou é desmemoriado, ou tem falta de bom senso, pois que a não ser assim, facilmente teria compreendido que só ao seu temperamento e a pouca humildade dos seus sentimentos, deve os dissabores porque já tem passado. Contudo, não podemos dar-lhe a certeza é de que, se em S. Tiago e Irmandade dos Passos, mercê dos seus sorrisos místicos e de todas as suas habilidades, tem conseguido os seus intentos. Aqui, tal não se dará, única e simplesmente porque o povo não quer.

Falta o Sr. Martins à verdade quando diz terem convidado inocentes para o apedrejar, porque tem a hombridade de se lhe dirigir frente a frente, como o povo fez, não precisa do auxílio da ignorância. Isso é bom para a sua grei, que tanto cá, como no Céu, só se quer com as criancinhas pobres de espírito!...

Falta, ainda, à verdade o Sr. Martins quando diz terem sido apenas 15 pessoas que «desordeiramente» lhe impuseram a sua saída daqui e, dizemos que falta à verdade, porque se outras provas não tivéssemos, bastar-nos-ia perguntar-lhe como é que 15 pessoas se podem impôr, ainda que desordeiramente, contra a vontade de um povo que se compõe de 120 almas, aproximadamente? !!!! Mas vamos aclará-lo melhor.

Dias antes de lhe apresentar a ordem de despejo, houve uma reunião de uns cidadãos valhasquenses, à qual assistiram uns 100 indivíduos, os quais, por sua vez, vinham encarregados de representarem bastantes outros por viverem nas suas propriedades, o que sucede, normalmente, nesta época, e atendendo ao adiantado da noite, não podiam comparecer.

Nem uma única voz se levantou a seu favor e, se o Sr. Martins tivesse assistido, que calafrios, que calores, teria sentido!... Todos foram unânimes nesta deliberação: Não queremos cá o Padre! A bem ou a mal, não voltará!

Agora, ali não havia, como insinua, astros de primeira ou segunda grandeza. O que havia eram astros de grandezas iguais. E esse astro de maior grandeza a que se quer referir, não se eclipsou propositadamente, mas sim por necessidades da vida particular, chegando-se a falar em transferir o dia, por essa razão, estando, contudo, creia, incondicionalmente ao lado do povo.

Creia que quem fica na penumbra e jamais será astro com brilho para o povo de Valhascos é e será o Sr. Silva Martins.

O povo, diz o Sr. Silva Martins, que o quer. Pois nós podemos garantir-lhe que são treze, pouco mais ou menos, os indivíduos que o querem. E esses mesmo, se quiséssemos podíamos-lhe demonstrar, a força e a razão desses desejos... Talvez venha depois...

É desnecessária a opinião do Sr. Silva Martins (de mais a mais com a bÍlis um tanto irritada) sobre o estado político de Valhascos.

Bons e sinceros republicanos podem atestar que a atitude desse povo tem sido sempre a mais honesta, a mais desinteressada, a mais cavalheira e a mais leal para as actuais instituições e ainda hoje não vieram discursar às turbas prestando a sua lealdade para depois serem o mais desleais possível.

Demais, se quer ter mais uma certeza venha até aqui na próxima segunda- feira, dia 9, e poderá avaliar o amor deste povo à República. Não receie o calor!...

O Sr. Martins desdenha bastante da raça deste povo e estamos tentados noutra correspondência a entender-nos sobre qual a nossa ascendência e a do Sr. Martins:

Se descendemos conjuntamente de Adão, se de um macaco, se de um miasma ou de quê!...

Naturalmente o Sr. Martins descende de Adão, a quem bem dignamente representa, havendo até entre os dois uma certa afinidade no sofrimento. Adão, por fraco e não cumpridor dos preceitos divinos, foi expulso do Paraíso. O Sr. Vigário, por demasiadamente feroz no seu reaccionarismo, foi expulso dos Valhascos, ou seja, deste cantinho do Inferno, onde vive, felizmente, um povo ordeiro que sabe o que quer e para onde caminha.

Adão ficou com a maçã atravessada na garganta!... O Sr. Vigário, embora lhe custe, com os Valhascos engasgados nos gorgomilhos, o que é coisa que não deve fazer lá muito bom cabelo! Tenha paciência!...

Sobre idiotas e tarados, não merece a pena falarmos nisso. Por decoro próprio, nunca o Sr. Vigário, que nós conhecemos muitíssimo bem, devia bulir em semelhante tecla, visto isso poder acarretar-lhe referências desagradáveis que não queremos, nem desejamos fazer. A bom entendedor...

Para terminar, diremos ao Sr. Vigário que tencionamos por a limpo, loque o ensejo se proporcione e os nossos afazeres o permitam, tudo quanto se passou sobre as eleições de avaliadores e ainda a história do Navalho e do Courelas.

Tudo isto é edificante.

Creia, Sua Reverendíssima, que não perderá com a demora...

*Um Valhasquense de má raça*

## JORNAL DE ABRANTES - 16 de Março de 1913

### PELO SARDOAL

O reaccionarismo em attitude revoltosa.

Por mais de uma vez de uma vez aqui temos dito que os reaccionários do concelho de Sardoal pretendem reagir contra as leis da República e os factos estão confirmando as nossas previsões, porque estes elementos se movimentam cada vez mais.

Outro dia foi em Alcaravela, onde os reaccionários provocaram a todo o instante os bons republicanos que ali há. Hoje em Valhascos, onde a par de muitos e bons republicanos há meia dúzia de palermóides que não sabendo o que são, nem o que querem, mas influenciados por poder oculto, pretendem apoderar-se da chave da Igreja, sem o mínimo respeito pela lei da República.

Há dias, um conhecido beato dali, foi ter com o Secretário da Comissão Concelhia para que ele dispensasse a chave para limpar a Igreja. Este, achando justo o pedido, cedeu-lha com a obrigação de, findo o serviço, lha vir trazer. Mas os dias passavam-se e a chave não aparecia, de modo que o dito Secretário foi lá em procura dela e como resposta obteve assobios, toques de latões e um sobrinho do Bispo com um pau, em attitude pouco agradável. Enfim, uma multidão de mulheres, garotos e directores do movimento, tendo ele de retirar, por ver aqueles obcecados em attitude revoltosa.

À hora que o nosso informador nos escreve estão eles tocando o sino e dizendo que ninguém leva dali a chave.

Ora o caso é gravíssimo, porque é manifesta a revolta contra a República e contra a própria autoridade, porque sendo intimados a ir à Administração se recusaram a fazê-lo.

Se não houver providências breves e enérgicas mais grave será porque os republicanos dali que há bastante tempo vinham prevenindo a autoridade dos manejos reaccionários sem que fossem atendidos, têm conservado uma attitude de affectante, mas estão dispostos à primeira provocação a responderem com energia, sejam quais forem as consequências.

Há a notar que em Alcaravela a luta foi mais intensa, quando ali estava o Bispo de Viseu e, em Valhascos, é desde que ele para ali mudou e em todas essas manifestações a família dele toma sempre um lugar saliente. Todos estes factos são resultantes de à frente do concelho de Sardoal estar um Administrador que ama mais os seus interesses do que a República.

Sempre temos duvidado do seu republicanismo e hoja mais do que nunca, porque com a sua estadia ali é que a reacção tem estendido os seus tentáculos a seu belo prazer.

Se ali estivesse um homem inteligente, ponderado e enérgico que fosse um convicto republicano, as coisas não chegariam a tal ponto.

Temos os olhos feitos no conflito e dele não largaremos mão, porque tudo isto sacrificaremos em proveito da República e da Pátria.

## **JORNAL DE ABRANTES - 6 de Abril de 1913**

### **CORRESPONDENTE SARDOAL**

À hora a que o último número deste jornal se estava imprimindo, o povo dos Valhascos, verdadeiramente entusiasmado por ver finalmente satisfeita a sua maior aspiração, aclamava delirantemente o seu professor, Sr. Alfredo de Macedo, que ali acabava de ser colocado.

Era esta a maior aspiração de Valhascos e para a sua satisfação tudo fizeram, incluindo a compra do mobiliário, subscrição entre todos os habitantes e, se há mais tempo não tinha sido provida, foi devido aos sucessivos concursos terem ficado desertos.

Hoje, porém, Valhascos que tanto desejava a instrução de seus filhos, já possui um professor que vem precedido da melhor fama e oxalá que ele saiba corresponder à simpatia com que foi recebido.

Foi no sábado, dia 29, de manhã que se soube que ele viria à tarde. Pois aquele povo trabalhador tudo abandonou para ir esperar o mensageiro da instrução.

Em todos os rostos transparecia a alegria que ia na alma e por sinal festivo, durante o dia as girândolas de foguetes sucediam-se, mas quando o entusiasmo chegou ao rubro foi ali pelas 12 horas, quando o referido professor chegou. Então os foguetes eram constantes e os vivas ao professor e à República eram sucessivos. Depois de algum tempo de descanso em casa do Sr. José Dias Conde, encaminharam-se para a casa da escola e era tal a quantidade de povo que formaram um cortejo cívico.

Ali fizeram pequenos discursos os cidadãos, Srs. António Dias Conde, Zeferino Carvalhal e o professor que a todos agradeceu tão carinhosa recepção, prometendo cumprir com o maior zelo e dedicação, os deveres a seu cargo.

Ao povo de Valhascos e ao ilustre professor, o Jornal de Abrantes endereça as suas calorosas saudações.

## **JORNAL DE ABRANTES - 8 de Novembro de 1914**

### **Valhascos - Dez litros de azeite para jurar falso.**

No dia 8 de Setembro realizou-se nos Valhascos uma festa cívica, festa muito contrária à vontade do Sr. Bispo de Viseu e de muitos reaccionários que, infelizmente, existem ainda na aldeia de Valhascos.

Foram mordomos da festa uns três ou quatro rapazes, dedicados republicanos, que com muita vontade se empenharam para que não ocorresse nenhum incidente.

Esta festa foi abrilhantada pela Filarmónica do Sardoaal, havendo também fogo preso e do ar, estando a festa muito animada.

A certa hora da noite, depois de muitas pessoas verem passar uma luz da casa do Sr. Bispo de Viseu para uma casita que fica ao lado, pertencente ao mesmo, foi o povo alarmado com gritos de «acudam ao fogo» à porta do Sr. Bispo.

Tudo correu em direcção ao local indicado, verificando toda a gente que o fogo era de pouca importância, sendo na tal casita por onde tinha passado pouco tempo antes, reconhecendo todos quantos presenciaram que o incêndio tinha sido derivado de qualquer descuido de pessoa que ali entrasse.

Mas, como a festa era cívica e não houvesse cantochões na igreja, não foi preciso mais nada. Para a família do Bispo a causa do incêndio foi o fogo da festa!!!

A família do Bispo sabe muito bem que o fogo começou antes do fogo e tal não podia ser



e a tal hora não subiram foguetes nenhuns, estando o telhado da casita todo bem vedado de argamassa, como declara o próprio pedreiro que o fez. Como é possível ser derivado do fogo da festa?...

Agora sabe-se de fonte limpa que um sobrinho do Bispo de nome Francisco Lopes Ferreira, encarregado da quinta do tio, chamou a casa dois indivíduos, dando a cada um 5 litros de azeite, pedindo-lhes para dizer que o fogo foi derivado do fogo da festa.

Tal é o ódio que a maldita seita negra de Loiola tem aos republicanos.

4-11-1914 (a) Joaquim Calvário»

## **JORNAL DE ABRANTES - 20 de Dezembro de 1914**

### **VALHASCOS - MALDITA REACÇÃO**

O vigário do Sardoal não se cansa de enviar exemplares de «O APÓSTOLO» para os Valhascos, gratuitamente, para, assim, conseguir introduzir na aldeia o catolicismo.

Já lá vai o tempo em que os agentes da maldita seita de Loiola, sugavam até à última gota os papalvos que tinham a infelicidade de cair na esparrela de os acreditar.

O Sr. Vigário não se lembra do tempo em que dizia missa nos Valhascos. Quando começava com as suas práticas o povo voltava as costas e saía da igreja, ainda antes de ouvir a missa, alegando que não estava disposto a ouvir baboseiras. O povo está farto de saber que os representantes de Cristo na terra foram sempre os maiores criminosos. Os que em nome de Deus e da Igreja têm cometido as mais horrorosas infâmias e as mais estupendas brutalidades. Como há-de ele, agora, acreditar nas patranhas de um órgão de tais tartufos?

Por esse motivo, naturalmente, que o povo dos Valhascos está em um canto do inferno e que a maior parte dos seus habitantes estão excomungados.

Pois fique certo, Sr. vigário, que o povo dos Valhascos - heróico povo republicano - não acredita, nem acreditará nunca, nas ilusórias de míseras gazetas reacionárias, nem no palavreado o «O SANTINHO É NOSSO», do missionário, de cada um, do Barbaça da Ponte, baboso satélite do Sr. Vigário, adoradores do carunchoso tronco da igreja e fiéis de Deus... apaixonados pela já extinta e podre monarquia.

São tão apaixonados que um tal Manuel da Horta, mais conhecido pelo «cada um», chegou a oferecer não sei a quem, duzentos mil réis, se conseguisse restaurar a monarquia.

Coitados! Rezem-lhe por alma... depois de morto!!!...

15 de Dezembro de 1914 (a) Joaquim Calvário

## **JORNAL DE ABRANTES - 31 de Janeiro de 1915**

### **VALHASCOS - RAÇA MALDITA**

Consta-nos que uma fanática, Maria Batalha, moradora no Penedo, Aldeia de Baixo, vai dar princípio à sua costumada missão de ensinar doutrina cristã às crianças de ambos os sexos.

Esta, como é sabido, é uma célebre reaccionária que tem sabido andar de porta em porta a apoquentar as pobres crianças e suas mães para que frequentem a sua escola, dizendo-lhes que se não aprenderem doutrina cristã, vão para o inferno.

Com as mesmas pantominices tenta, também, o parvalhão do «Santinho é nosso» iludir as pobres crianças, que não podendo converter à sua fé aqueles de idade pensante, procuram todos os meios para fazer entrar numa seita maldita, as crianças que ainda não pensam.

Toda a gente dos Valhascos sabe que o «Santinho é nosso» tem sido um grande jacobino, um rebelde, um reaccionário, um cruel inimigo da República e um antigo súbdito dos agentes da maldita quadrilha de Roma.

Infelizmente não há inferno. Se o houvesse, os próprios ministros da igreja seriam os primeiros a sentir os seus tormentos, porque são esses vândalos, são esses cobardes, são esses hipócritas, os maiores profanadores e os maiores criminosos que sem escrúpulos, sem vergonha e sem sentimentos, têm cometido, em nome de Deus e da religião, as maiores selvajarias.

Os pais e mães, devem retirar os seus filhos daquelas cavernas, que se chamam verdadeiros cóios de jacobinismo, que as pobres crianças, agora, são obrigadas a frequentar e mais tarde, quando tenham uso das suas faculdades intelectuais, poderão talvez odiar.

Mandem-nos, pois, para a escola, que hoje felizmente os Valhascos têm o condão de ter um inteligentíssimo professor, um bondoso e amável coração, todo cheio de carinho e amor para as crianças.

A instrução é uma das melhores heranças que podeis deixar aos vossos filhos. Mandai-os para a escola que o ilustre professor vai-os receber de braços abertos e lhes introduzirá no cérebro os preceitos da civilidade.

Mais tarde, quando eles chegarem a ter idade pensante e que tenham conhecimento preciso, eles seguirão, sem obstáculos, o caminho traçado pela sua consciência. Eles se filiarão nesta ou naquela seita ou permanecerão sempre imparciais.

#### **VÓMITOS NEGROS**

O «Santinho é nosso» vomita cóleras negras por não ver satisfeita a sua vontade.

O Senhor Santinho lembra-se que no dia 20 de Dezembro, quando passava junto de um tal grupo de indivíduos, na ocasião que estava lendo o Jornal de Abrantes?

Bom seria que dê um ponto na língua, para que não lhe ponham a calva à mostra ou para que não lembrem ao Sr. Administrador do Concelho, uma vista de olhos pelos Valhascos, a fim de mandar acabamar certos brutos que andam à rédea solta.

28 de Janeiro de 1915 (a) Joaquim Calvário»

## **JORNAL DE ABRANTES - 7 de Março de 1915**

### **Correspondência de Valhascos**

A minha última correspondência no Jornal de Abrantes, modesto semanário que se encarrega de abrir os olhos a tantos cegos que se deixam arrastar nos turbilhões empestados da vil troupe do clericalismo, fez com que o germanófilo «Santinho é Nosso» aparecesse um dia com o nariz mordido!

O caso, segundo consta, passou-se de seguinte forma:

Numa ocasião em que um cunhado do Santinho, de nome Francisco Pimenta, afirmava ser verdadeira a dita correspondência. Logo o Santinho é Nosso, furioso, como um cão de fila, se agarrou às orelhas do cunhado, puxando-as violentamente, cobrindo-o ao mesmo tempo de afrontas e injúrias, chamando-o pelos nomes mais torpes, próprios de tais línguas, que a decência não manda declarar.

O Francisco Pimenta, vendo-se agrdido e insultado por um Santinho, que tem Deus na boca e o Diabo no coração e, não tendo consigo um bom cacete para lhe tosar o pêlo, viu-se obrigado a deitar os dentes ao nariz, mordendo-o!!!

O «Santinho é Nosso» foi apupado por todos os que presenciaram a cena. O Francisco Pimenta recebeu de toda a gente os maiores elogios.

Há dias, quando um dedicado rapaz de nome Manuel Esperto, filho do Sr. Joaquim Esperto, importante proprietário e honrado republicano nesta aldeia, fazia entoar «A PORTUGUESA» ao som de um harmónio, todos os assistentes tiraram o seu chapéu.

Diz logo um freguês que estava de lado:

-Se passasse por aqui o Santinho não tiravam o chapéu de tão boa vontade.

É para que saiba, freguês, que o povo ama a nossa querida República e odeia, assim como eu, um vil canalha clerical.

Fora vil canalha!...

Viva a República Portuguesa!

Viva a Lei de 20 de Abril de 1911!

Valhascos, 20 de Abril de 1911 (a) Joaquim Calvário

## **JORNAL DE ABRANTES - 16 de Maio de 1915**

### **VALHASCOS - PARA ONDE VAMOS?!!!**

Que invasão é esta que parece querer levar a República Portuguesa para um enorme precipício?

Envoltos no mais profundo mistério, todos caminham às cegas, sem saber onde é que vamos parar!...

O povo sincero e republicano sempre fiel à República, sacrificará o seu sangue e até a sua vida para a defender, mas está cada vez mais impressionado com a atitude do governo do Sr. General Pimenta de Castro.

Já nos leva a acreditar que alguns titulares governantes são dotados de um grande espírito monárquico, que satisfazendo as suas paixões só contam amigos pessoais, subscrevendo nomeações de criaturas incapazes de exercer missões oficiais dum regime que odeiam e afrontam constantemente, como se vê, agora, na nomeação do Vigário do Sardoal para Presidente da Câmara, sendo este sotaina, como é notório, um grande reaccionário, um terrível inimigo da República, sendo, também, os restantes membros do Município, vultos conhecidamente monárquicos que passam a maior parte do seu tempo

com os olhos fixos nas colunas sw «O DIA», «A NAÇÃO», «O NACIONAL», «A LIBERDADE» e outros pasquins, monárquicos e católicos, crentes que ainda um dia hão-de ver resplandecer no horizonte a estrela cadente da monarquia.

Não sou democrata, não sou evolucionista, nem unionista. Sou republicano imparcial. Estimo e admiro as ilustres figuras proeminentes da revolução de 1910, valorosos heróis, sempre prontos a sacrificar a sua saúde, o seu sangue, a sua vida, para ver triunfar a gloriosa manhã de 5 de Outubro, esta jovem República que o povo recebeu cheio de contentamento e alegria e não me abstenho de dizer bem alto que o governo do Sr. Pimenta de Castro não trilha bem pelo caminho que lhe compete, porque, assim, tenta livrar os sentimentos liberais de um povo!...

Não há ninguém que se considere cidadão republicano que possa apreciar as obras de um governo que pense em republicanizar um povo com procissões pelas ruas e com nomeações de católicos, reaccionários ou monárquicos militantes para autoridades administrativas de municípios.

As fantochadas dos espantalhos pelas ruas e as nomeações de inimigos do regime para lugares de confiança, só servem para vendar os olhos aos ignorantes, para abarrotar as algibeiras dos esfomeados, para engrossar o número de monárquicos católicos e para arrastar a República ao maior dos precipícios.

Um governo distintamente republicano deve deitar ao desprezo certos farsantes que são apenas republicanos na ponta da língua, a fim de que o povo se vá republicanizando, para que se não deixe abalar, arrastado pela cauda de negros turbilhões do agoirento Jesuítismo, vil canalha de que de mãos dadas com os monárquicos, agora saltam e pulam de contentes, com generosidade e benevolência do governo do Sr. Pimenta de Castro.

Ao Manuel José de Moura, Administrador do Concelho de Sardoal, cumpre também apreciar os bons serviços que vem prestando à República com a sua coerência com os monárquicos católicos que, nas cadeiras do município, hoje se chamam dirigentes do nosso concelho.

Não resta a menor dúvida, que sua Ex<sup>a</sup>, de braço dado com eles, vá assim retirando os obstáculos da estrada da perdição, em vez de a tornar, ainda mais, intransitável.

Republicanos alerta que a hora da justiça soará.

Bicas, 10 de Maio de 1915 (a) Joaquim Calvário.

## **JORNAL DE ABRANTES - 23 de Maio de 1915**

### **VALHASCOS - O Vigário do Sardoal e as Modas de Paris**

Santo Deus! Até os modos das meninas causam impressão no espírito imundo do vigário do Sardoal, que afirma não terem entrada no céu, aquelas que usam saia travadinha.

Foi no domingo, dia 9, que o Padre Vigário António Martins, um pouco antes da missa, na ocasião em que assistiam algumas dezenas de pessoas à sua costumada ladainha de Maio, na Igreja Matriz, profetizou que não entrariam no reino dos céus, nem considerava católicas as meninas que usassem saia travadinha.

Serão estes disparates próprios das pessoas que se têm na conta de cultos e inteligentes? Tais são as rigorosas penitências que temos de cumprir neste mundo para ganhar o céu! O homenzinho desde que se empoleirou nas cadeiras do município parece que está cada vez mais parvo.

17 de Maio de 1915 (a) Joaquim Calvário

## JORNAL DE ABRANTES - 23 de Junho de 1915

### VALHASCOS - Xilófagos tóxicos

Segundo foi afirmado com uma carta que recebi de um meu amigo dos Valhascos, pessoa séria, em quem tenho toda a confiança, que um certo dia, na casa do António Cunha Boneco, com loja de mercearia na estrada, se formou um verdadeiro centro monárquico, aonde se reúnem meia dúzia de petulantes e imbecis antipáticos, que estando ali um pobre rapaz de nome José Moleiro, o obrigaram, junto com eles, a dar vivas à Monarquia. Ignoro, por enquanto, o nome de tais farsantes, que julgo, naturalmente, serem daqueles estúpidos que de olhos vendados seguem atrás do chocalho que o vigário do Sardoal empunha e agita. Não deixarei de lamentar a imprudência do Sr. António Cunha, em consentir que debaixo das suas telhas se formasse uma assembleia com o fim único de enxovalhar e desrespeitar as leis da República.

Ao Sr. António Cunha, apesar de não os auxiliar com vómitos tóxicos, recomendamos a não continuação de tais proezas em sua casa, de onde podem resultar consequências graves, mesmo para a sua pessoa e para não causar suspeitas misteriosas na cabeça de ninguém.

Quem sabe, se alguém envolvido em profunda meditação, pergunta à sua própria consciência, se tal casa será um cóio onde os inimigos da República terão as reuniões secretas?

E natural que assim não seja, mas... não deixaremos de pedir a atenção do Exm<sup>o</sup> Administrador, a fim de investigar o caso.

Consta, também, que o missionário «O Santinho é Nossa», o Luís da Gatinha, o Baptista da Estrada e o Barbaça da Ponte - babosos satélites do vigário - atiravam já com as suas parselhas de coices, que pareciam estar nas suas sete quintas.

Coitadinhos!... Eles bem sabem que o tempo da última revolução foi para eles um desengano e uma severa lição de moralidade e lição formidável que deve estar bem clara na memória daqueles que pretendiam conduzir a República Portuguesa a um abismo fatal.

Foi uma estrela resplandevcente que veio iluminar o entendimento daqueles que às escuras enveredam pela vereda tortuosa que a sua vã consciência, com tanta infelicidade, lhe havia traçado.

Foi a voz afirmativa que veio dizer ao povo luso-latino que a República está bem enraizada, que ainda que muitos sejam os esforços dos seus inimigos para o seu extermínio, serão sempre malogrados.

Eles bem sabem que a Revolução de 14 de Maio foi uma tremenda trovoadas artificial que se desencadeou na atmosfera política do nosso País, a fim de pôr termo às represálias e ao despotismo de um governo tirano, que sem a nítida compreensão dos seus deveres, sem consciência, sem escrúpulos, sem remorsos nem piedade, deixou ensanguentadas as páginas da história, tornando-se inevitável a horrorosa catástrofe em vista dos processos bárbaros com que faziam justiça, e em vista da benevolência para com os «CROÇÃES» inimigos externos, dando-lhes indulto para mais depressa se restabelecerem da grande nostalgia que os atacava, para, unidos com os internos, mais à vontade afrontarem a República...

**MALGRADA INTENTONA!!!**

Em vista da incredibilidade de alguns, cujos nomes tenho bem na memória, termino, hoje, esta correspondência gravada com o meu próprio punho, dizendo que não são os

calos causados pelo cabo da minha enxada, que me privam de atirar aos quatro ventos da publicidade as frequentes correspondências que espirram dos bicos da minha pena, como julgam certos cavalheiros incrédulos do Sardoal, que não acreditam que o autor das ditas seja o próprio que as assina.

8 de Junho de 1915 (a) Joaquim Calvário

#### **JORNAL DE ABRANTES - 5 de Setembro de 1915**

##### **VALHASCOS**

O povo de Valhascos ficou deveras impressionado quando no passado domingo viu nesta aldeia, o Capitão Tavares, do Sardoal e o Bispo de Viseu, um terrível inimigo da República, numa carruagem puxada por uma parelha de mulas, pertencente ao Estado.

Está muito bem! São os próprios oficiais do Exército Português que andam de barço dado com os maiores inimigos da República e vilegiaturando com eles, puxados por uma parelha que pertence ao Estado.

(A) Joaquim Calvário

#### **JORNAL DE ABRANTES - 17 de Outubro de 1915**

##### **VALHASCOS - O Sr. Capitão Tavares e o Bispo de Viseu**

É esta a epígrafe de uma local publicada no Jornal de Abrantes nº 800, onde se declarava ter estado nos Valhascos o Sr. Capitão Tavares, em casa do Sr. António Alves Ferreira, Bispo de Viseu, ambos vilegiaturando, puxados por uma parelha pertencente ao Estado.

Não mais voltaria a falar no caso, se na segunda-feira seguinte à publicação desta notícia, eu não tivesse conhecimento de que um Aspirante de Artilharia de nome Óscar Ribeiro de Freitas, aparecesse todo zangado na redacção do mesmo jornal a exigir a minha morada, dizendo que, não estando na terra o Sr. Capitão Tavares, desejava pedir-me explicações àcerca de tal notícia.

Toda aquela semana me conservei munido duma couraça de cortiça, sobre a camisola, receoso de que o referido Aspirante aparecesse subitamente com algum pau ferrado, a esburacar-me as costeletas...

Afinal, sempre escapei desta!... O homem não veio cá.

Coitado! Pois... Com que cara seria ele capaz de vir dizer-me que não estava na terra o Sr. Capitão Tavares, ou que não tivesse ido aos Valhascos no dia 12 de Setembro, sendo este Aspirante, o próprio que serviu de cocheiro na carruagem aonde vilegiaturavam o Bispo de Viseu e o mesmo Capitão Tavares, puxados por uma parelha de mulas da Artilharia de Abrantes!?

Para que se saiba, que a verdade é clara e que se impõe sempre mesmo para os que se arrepelem de ouvi-la, transcrevo-lhe alguns trechos de uma carta recebida no dia 29 do passado mês, de um distinto e honrado cavalheiro do Sardoal: «É certo o Capitão Tavares ter ido a Valhascos buscar o reaccionário Bispo de Viseu, chegando a esta Vila, o referido oficial, o Bispo e um sobrinho (estudante), trazendo como cocheiro do carro que os conduzia, sendo uma parelha do estado, o Aspirante a Oficial que tem o nome de Óscar Ribeiro de Freitas...»

Posso mesmo acrescentar que o Capitão Tavares servia de trintanário ou lacaio do Bispo (como queira), pois foi ele quem abriu a porta do carro, todo cheio de blandícias e ajudou

o Bispo a descer, oferecendo-lhe a mão!...

O Sr. Freitas não procedeu bem, ora neste caso. Para que foi com tais disparates à redacção do Jornal de Abrantes, fingindo ignorar o caso?

Valha-o Deus!...

Bicas, 12 de Outubro de 1915

### **Jornal «O POVO DE ABRANTES» - 13 de Julho de 1916**

#### **MALDITA REACÇÃO**

O missionário dos Serejais é um silingórnio (sic) que reside nos Valhascos, no alto do Pirinéu, que apesar de ser uma figura septuagenária, não deixa de ser um brutamontes sem escrúpulos, sem sentimentos e sem vergonha, que acorrentado pelos agentes da quadrilha do Loiola, vai fazendo a apologia da Alemanha, não perdendo a mania de andar de porta em porta sugando a humanidade que o acredita, arrancando às pobres mulheres a esmola para as almas, ou para ... a engorda daqueles cães de fila e que mordem pelas costas!...

Este germanófilo e bem conhecido reaccionário confessa-se todas as semanas, mas nem por tal fazer deixa de ser um dos maiores pantomineiros, sem ponta de vergonha e um dos maiores inimigos da liberdade, que dotado de espírito germanófilo, profetiza a cada passo a vitória dos bárbaros teutões! Raios o partam!...

Missionários que desejam empanar para um precipício a sua Pátria ou vê-la em poder dos algozes que vomitam injúrias e afrontas e cometem selvajarias e brutalidades contra os seus próprios irmãos e cunhados, que pretendem sugar aos desgraçados que com o suor do seu rosto arrancam do solo o seu pão de cada dia, não são missionários, não são filhos de Deus, não são homens, não são portugueses!

São demónios, são filhos do diabo, são lacraus venenosos que não têm Pátria, não têm vergonha..

RAIOS OS PARTAM!...

Joaquim Calvário

### **Jornal «O POVO DE ABRANTES» - 27 de Maio de 1917**

#### **A REACÇÃO: OS PROVOCADORES DA DESORDEM ULTRAJAM AS LEIS DA REPÚBLICA.**

Temos ouvido a alguns dedicados republicanos, de Valhascos, queixarem-se contra a horda infame de reaccionários ali residentes, dizendo-nos que aqueles vampiros desprezam as leis da República, principalmente a Lei basilar de 20 de Abril de 1911...

No domingo, dia 6 de Maio, um cidadão republicano, livre pensador, passando ali de visita a uns parentes e amigos, qual não foi o seu espanto ao deparar com um enorme cortejo, composto na sua maioria de mulheres, levando à frente o bem conhecido e já escorraçado de outras localidades, o Cura, actualmente no Sardeal, com hábitos talaes, acompanhado por um bando de rebeldes fanáticos, sem vergonha e sem respeito pelas Leis do seu País, que numa alta berraria entoavam o «Bendito», pelas ruas da povoação, a fim de fazer aumentar a sua cauda pestilenta e vergonhosa, com os ingénuos de espírito fraco, que os acreditam.

O bando, vergonhoso e insolente, fazia entoar na atmosfera o ruído tenebroso e aterrador do badalar sinistro de uma campainha, para mais facilmente converter à sua fé,

alguns que não vêm ainda comungando no credo.

O cidadão republicano e livre pensador que assistiu a tão vergonhosa fantochada, impressionado com tal atitude retumbante de meia dúzia de imbecis parvalhões que trabalham afincadamente numa propaganda anti-patriótica e anti-republicana para enveredar um povo pelo caminho da embustice, que antes de 1914 estava já bem republicanizado, não pode deixar de protestar contra semelhante abuso à Lei basilar, que de forma alguma pode admitir, cujo protesto foi correspondido por afrontas e injúrias vomitadas pelo estômago sujo de um bruto fanatizado e bem conhecido reaccionário, Isidro Lopes Simples, inimigo crassal das instituições republicanas, que juntamente com o «Santinho Nosso», António Batista e António Galinha, dirigiram aquele movimento hostil às Leis da República.

Dois filhos do missionário, mensageiro do Vigário e do Cura, representavam o seu pai, naquele cortejo bombástico, visto que aquele Deus que ele adora, não quis perdoar-lhe o castigo merecido, fazendo-o estar meses impossibilitado de acompanhar e fazer parte das fantochadas.

Não podíamos deixar de considerar o Exm<sup>o</sup> Administrador do Concelho de Sardoal como único responsável por estes actos de sublevação, visto ser de tanta benevolência para tais disfarantes, a ponto de um povo como o de Valhascos estar assim tão desrepublicanizado, com as propagandas nojentas do bando reaccionário.

Dizem, também, dos Valhascos, que os farsantes, têm pedido descaradamente e arrancado das algibeiras do povo, algumas esmolos, não sabemos para quem, mas em nome da Cruz Vermelha.

É natural e é mesmo de supôr que estes casos se repitam, enquanto se conservar aberto aquele culto de propaganda que se chama a ermida dos Valhascos, onde se forjam os maiores insultos às Leis da República e aos seus homens e onde se turvam as consciências com o veneno contaminante que traz abarrotados os estômagos imundos do maior inimigo das constituições republicanas.

Pedimos providências a quem competir, para que não tenhamos, ainda, que lamentar tristes ocorrências que podem acarretar consequências gravíssimas.

Alguém houve que participou ao Sr. Administrador, mas ao que nos consta, recusou-se sua Ex<sup>a</sup> a tomar conta do caso e providenciar.

Não sabemos ainda bem o que há a tal respeito, mas trataremos de averiguar, para melhor esclarecermos.

(Correspondente)

## **UMA HISTÓRIA DE PIROTÉCNICOS**

### **JORNAL DE ABRANTES - 28 de Abril de 1912**

Conforme noticiámos, realizou-se no passado Domingo a Festa do Senhor dos Remédios, que este ano foi revestida de maior pompa do que nos anos anteriores.

De dia houve festa de Igreja e arraial e à noite fogo de artifício e iluminação. Esta, tanto dentro do templo, como no arraial era de belo efeito, o que revela o bom gosto dos seus organizadores, que este ano se esforçaram por apresentar coisa fora do vulgar, pelo que são dignos dos maiores elogios. Oxalá que no próximo ano continuem e que possam estender a iluminação a todo o recinto, porque então mais bela seria.

O fogo de artifício, esse foi feito a capricho pelos pirotécnicos Galinha, dos Valhascos e Amante, das Mouriscas, havendo um prémio para o que mais se distinguisse.



Este foi conferido ao Amante.

No entanto, a verdade manda que se diga que ambos apresentaram bom fogo e de bonito efeito, vendo-se, por isso, que dia a dia, desenvolvem e aperfeiçoam mais a sua indústria, que ainda há poucos anos por aqui estava atrasada.

Também são dignos de louvores, porque mostram que acompanham o progresso.

#### **JORNAL DE ABRANTES - 5 de Maio de 1912**

##### **VALHASCOS**

Sr. Redactor do Jornal de Abrantes

Peço o favor que publique o que aqui dou a respeito do fogo que foi feito a capricho, por José Lourenço Galinha, de Valhascos e Francisco Amante, de Mouriscas, no dia 21 do mês findo, no Sardoal, como dizia o jornal de domingo, o qual não exprime a verdade.

Pois, será possível três homens, desta Vila, quererem tapar os olhos a um arraial inteiro? Não é possível fazer-se o mesmo que se faz a um animal quando se prende a uma nora. Sim, o Galinha se for a votos tem 97%, sim que mesmo que a vista aumente um mosquito para um boi... Sim, o Galinha naquele arraial valeu-se da sua sabedoria e representou a todos os assistentes que assistiram e a toda a curiosidade da Filarmónica que se levantou com o seu boné na mão, dando honras e elogios, e o outro só se valeu do seu chapéu e caridade.

Ali representou o Galinha ser um cipreste e o Amante um chorão.

Agora peço que não me falte com uma só palavra e publique tudo o que vai, isto sem mais.

(A) António Martins Pintado

#### **JORNAL DE ABRANTES**

##### **Correspondências - Sardoal**

Nós, os abaixo assinados, declaramos que tendo sido convidados pela Mesa da Misericórdia desta Vila a servirmos de júri para apreciar o fogo fabricado por José Lourenço Galinha e Francisco Amante, fomos da opinião de que o prémio fosse conferido ao Amante, por ser ele o que melhor fogo apresentou no conjunto.

Fazemos esta declaração por nos ter sido pedida e por amor à verdade que muito prezamos, e não por nos sentirmos agravados com o que diz um tal Pinto, no Jornal de Abrantes de domingo, pois a prosa é de tal quilate que nem dela merece tomar conhecimento.

(A) José Gonçalves Carço, António José da Silva e Rafael Alves Passarinho.

Leia esta prosa que se compreende bem e note Sr. Pintaínho que é a expressão da verdade.

(A) - Francisco Marques Amante

## UMA HISTÓRIA CURIOSA EM TORNO DA CAIXA DO CORREIO

**«O BALUARTE» - 7 de Setembro de 1924**

**AO EXMº Sr. CHEFE DA ESTAÇÃO TELEGRAFO-POSTAL DO SARDOAL**

Pedimos as devidas providências para chamar a atenção do Encarregado da Caixa do Correio de Valhascos, porque nos consta, por queixas, que não é entregue, em devido tempo, a correspondência. «O BALUARTE» para os assinantes, alguns até desapareceram. Aqui fica o pedido e não desejaremos voltar ao assunto, porque se o fizermos será de outra maneira, a cortar o mal pela raiz. Se não verá...

**«O BALUARTE» - 5 de Abril de 1925**

**CORREIO DOS VALHASCOS**

Por mais de uma vez nos temos queixado neste lugar, pedindo providências a quem competir, para os abusos cometidos pelo encarregado da Caixa do Correio no lugar de Valhascos, concelho de Sardeal, na correspondência ali entrada, como aconteceu com o nosso jornal, umas vezes não entregando, outras vezes ficando com eles, porque não os entrega nem devolve à redacção.

Não foi de balde a nossa reclamação, pois justiça nos foi feita, porque um empregado superior dos Correios apareceu a syndicar os actos irregulares ao referido empregado do Correio de Valhascos e, segundo nos consta, será desta vez que o povo de Valhascos se verá livre de tal absoluto.

Vamos ver o que saiu com tal sindicância, mas quere-nos parecer que a justiça se há-de fazer e outra coisa não era de esperar, para sossego daquele povo, porque não tem seguro o segredo das suas correspondências.

No próximo número trataremos mais deste assunto que nos merece toda a consideração, não só para nós, mas como para todo o povo do lugar de Valhascos.

**«O BALUARTE» - 26 de Abril de 1925**

**CORREIO DE VALHASCOS**

Ainda não se sabe a esta hora, o resultado que deu a sindicância feita ao encarregado daquela estação postal de Valhascos.

Não é tardia a resolução deste caso, porque tem os seus trâmites a seguir.

Seja qual for e haja o que houver, a Caixa do Correio não pode continuar em poder do actual encarregado, porque as provas dos abusos cometidos no exercício das suas funções são esmagadoras e criminosas. Não valerá ao «pia cucos», funcionário da Caixa do Correio, fique certo disso, porque a justiça e um povo, como é o de Valhascos, não pode estar à mercê de um «pia cucos», que sem respeito por ninguém, abuse dos seus segredos com graves prejuízos. Embora o mano se gabe que tem uma pedra sobre o assunto, nada vale sobre este caso, embora perfilhe toda a casta de poucas vergonhas, como é sabido.

Temos, é certo, grande consideração por pessoas que não veem aqui para o caso, que ligam por afinidade com esta questão, mas nem por isso deixaremos de usar da nossa liberdade de acção, criticando casos desta natureza e estamos certos que nos não levarão a mal o nosso gesto, mesmo para a nossa própria dignidade de família honesta e de

inteira respeitabilidade.

## «O BALUARTE» - 26 de Julho de 1925

### O CORREIO DOS VALHASCOS

Como é sabido, uma comissão composta de homens que querem trabalhar pelo levantamento progressivo dos Valhascos, auxiliada por quatro quintos da população numerosa desta aldeia, resolveram, em face dos muitos abusos e crimes cometidos por Manuel Alves Bento, então encarregado da caixa postal desta localidade, reclamar dos meios competentes a imediata nomeação de um novo encarregado do correio.

Feitas as devidas queixas e nomeação de bastantes testemunhas que autenticavam a veracidade da consumação de factos criminosos, veio, enfim, a esta aldeia, um sindicante investigar o que havia de anormal a respeito do correio, apurando-se, pois, que o Bento, na missão de que estava encarregado, desempenhava um papel repugnante.

Manuel Calvário, homem sério e alheio a politiquices, que a pedido do povo e preferido pela comissão, resolvera aceitar a nomeação para novo encarregado da caixa postal. Logo houve quem muito habilidosamente fizesse vergar o Sr. Administrador do Concelho ao peso de uma espécie de coação que levou S. Ex<sup>a</sup> a recusar-se de lhe passar o atestado de republicano, votando o Sr. Calvário, sempre com homens da República.

Deixamos hoje em paz o Sr. Administrador do Concelho a quem a questão da caixa do correio deixou numa situação pouco agradável, até que um dia lhe digamos que só se podem considerar republicanos, homens de sinceridade a quem o peso do compadrio não dobra nem quebra e que só admitem o que a verdade e a razão lhe sugerem, e tratamos da parte principal da questão, visto que este povo se sente ofendido nos seus sentimentos com a atitude de quem contribuiu para que a nova nomeação fosse cair no sogro do tão famigerado ex-encarregado, não só por ter demasiada idade, como por admitir que o incorrigível genro continue a ir e a mandar fazer o serviço do correio, continuando, assim, a cometer os mesmos abusos, as mesmas imoralidades, as mesmas vilanias e as mesmas vinganças, continuando o tartufo, crente na impunidade garantida pelos seus salvadores, a saltar por cima da exacta observância das leis, a desrespeitar os direitos essenciais dos cidadãos.

Nenhuma má vontade, nenhum ressentimento, nutrimos contra os senhores Passarinho e Condes, pai e filho, pessoas que mais se empenharam para que a caixa do correio não saísse da casa do Bento. Antes pelo contrário, entendemos serem pessoas de consideração, não deixando contudo, de cabeça bem levantada, proclamarmos bem alto, que foram 3 luzes que se apagaram para não mais se acenderem, caso não tenham fim as irregularidades cometidas, mesmo actualmente, com o serviço do correio, principalmente as vinganças e ameaças aos que mais se distinguiram em pôr à mostra a calva do tratante.

Dizem, por aqui, que o Sr. José Dias Conde se queixa de haver recebido uma carta anónima com insultos, ameaçando-o, caso insistisse em contribuir para que a caixa postal permanecesse pendente da parede da casa do seu genro. Não acreditamos que o Sr. Conde recebesse uma carta anónima nesse sentido, mas se de facto recebeu, fique certo que tal ideia só podia ser inspirada pelo maluco do seu genro. Só ele seria capaz de uma tal infâmia com o único fim de fazer nascer do seu cunhado, Sr. António Dias Conde, uma má impressão contra os seus acusadores, que se revoltaram com a execranda afronta da permanência do correio em casa do célebre *caixeiro*.

Dizem também que os Srs. Condes, pai e filho, declaram aue a caixa não pode permanecer muito tempo em casa do actual encarregado, visto que os seus afazeres o não permitem, mas que muito em breve, quando mais acalmados os ânimos, fará com que a caixa volte para o lugar de onde saiu!

Não nos leva a crer que haja quem nutra o afrontoso desejo, ou permaneça no espírito de alguém tão hedionda esperança. Não pde ser. Isso nunca sucederá. Alguém com autoridade se há-de impôr contra tal injustiça, contra tal iniquidade. Garantimos que a caixa do correio não mais voltará para o poder de um corrupto, de onde já teve que sair duas vezes, por sandices cometidas pelo mesmo incorrigível. Se tal sucedesse até as pedras que formam as paredes da casa do Bento se revoltariam ao estrondo dos clamores de uma multidão vexada e afrontada com as tiranias de um absoluto inqualificável. A caixa do correio seria arrancada à força daquela parede maldita, ainda que tivessem que abrir as portas das prisões para enclausurar mais de novecentas almas revoltadas contra uma figura sinistra, que se julga onnipotente para espezinhar o povo dos Valhascos. O badalo do chocalho dirigente que os seus protectores empunham e agitam, cairia na lama repassado de lágrimas e ninguém mais o ouviria tocar a reunir e arrastar para as urnas o rebanho que julgam seu. Alguém haverá que trabalhe para que sejam inscritos mais 40 ou 50 eleitores, adeptos e manifestarem a sua vontade, que até hoje têm sido desprezados pelos políticos locais e então veremos o resultado da questão da caixa postal. Tarde é o que nunca vem.

(António da Cunha)

# DECRETO-LEI DA CRIAÇÃO DA FREGUESIA DE VALHASCOS

DIÁRIO DO GOVERNO

QUINTA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO DE 1949

Ministério do Interior : Decreto -Lei nº 37.555 - Cria no concelho de Sardoal, distrito de Santarém, a freguesia de Valhascos, com sede na povoação do mesmo nome

MINISTÉRIO DO INTERIOR

Direcção-Geral da Administração Política e Civil

Decreto-Lei nº 37.555

Atendendo ao que representou a maioria absoluta dos chefes de família eleitores da povoação de Valhascos, freguesia e concelho de Sardoal, no sentido de ser criada uma freguesia com sede no referido lugar;

Considerando que a circunscrição a criar tem população superior a 1.300 habitantes, já constitui paróquia religiosa e possui igreja, escola e cemitério próprios;

Considerando que Valhascos dista 5 quilómetros da sede da freguesia de Sardoal;

Considerando que tanto a freguesia de Sardoal, como a nova autarquia ficarão a dispor dos recursos indispensáveis para satisfazer os seus encargos;

Considerando que se verificam todas as demais condições referidas no artigo 9º do Código Administrativo e se cumpriram as formalidades exigidas pela mesma disposição legal;

Usando da faculdade conferida pela 1ª parte do nº 2º do artigo 109º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1º É criada no concelho de Sardoal, distrito de Santarém, a freguesia de Valhascos, com sede na povoação do mesmo nome.

Único. A freguesia de Valhascos é classificada de 2ª ordem.

Art. 2º A nova freguesia é constituída pelo lugar de Valhascos e fica limitada por uma linha que, partindo da estrada nacional nº 3, segue pelo caminho do Pombal que dá acesso à estrada de Cabeço das Mós, continua por esta até ao caminho de ligação a Valhascos e, deste, até ao Alto da Senhora dos Remédios; aqui toma o caminho que vai para o Cabeço das Mós até encontrar o ribeiro de Travesso, cujo curso acompanha até à confluência com a ribeira de Arreceis, seguindo por esta até à Caldeira; continua depois, em direcção ao poente, pela linha divisória dos concelhos de Sardoal e Abrantes, passando pela Senhora da Graça, e, contornando o Pouchão, atravessa o ribeiro David, toma o caminho para o Marco, e daqui vai, em direcção ao norte, pela estrada nacional nº 2, até ao caminho do Rosal, seguindo por este até encontrar a estrada nacional nº 3, tudo de harmonia com a planta junta ao respectivo processo.

Único. A Câmara Municipal de Sardoal procederá, até ao fim do ano corrente, à colocação de marcos, por forma a que fiquem bem patentes os limites fixados neste artigo,

Artº 3. A eleição da Junta de Freguesia de Valhascos realizar-se-á no dia que for designado pelo presidente da Câmara Municipal e serão eleitores os chefes de família da respectiva área inscritos no recenseamento da freguesia de Sardoal.

Artº 4º. A competência atribuída pelo Código Administrativo ao presidente da Junta no que se refere à eleição e votação será exercida pelo presidente da Junta de Freguesia de Sardoal.

Publique-se e cumpra-se como nele se ordena.

Paços do Governo da República, 15 de Setembro de 1949. - ANTÓNIO ÓSCAR DE FRAGOSO CARMONA - *António de Oliveira Salazar - Augusto Cancellia de Abreu - Manuel Gonçalves Cavaleiro Ferreira - João Pinto da Costa Leite - Fernando dos Santos Costa - Américo Deus Rodrigues Thomás - José Frederico do Casal Ribeiro Ulrich - Fernando Andrade Pires de Lima - António Júlio de Castro Fernandes - Manuel Gomes de Araújo.*

## ALGUNS ANTECEDENTES

No Jornal de Abrantes de 22 de Maio de 1936, com o título «Valhascos deseja ser freguesia», publicava-se o seguinte:

Segundo nos informa o nosso solícito correspondente de Sardeal, uma comissão de elementos de maior preponderância da aldeia de Valhascos, esteve naquela risonha vila a tratar da criação de uma freguesia que abranja as povoações de Valhascos e Cabeça das Mós.

É uma justa aspiração que, estamos certos, virá a ser atendida.

Valhascos, além de ser uma rica região agrícola, tem por si, população suficiente para ser cabeça de paróquia.

Como órgão regionalista, consciente da sua missão, o Jornal de Abrantes dá o seu incondicional apoio à iniciativa que acaba de ser tomada e coloca as suas colunas ao dispôr da comissão que tão esforçadamente pugna pelos interesses da sua terra, no simpático intuito de a fazer progredir e elevar.

Talvez na sequência das diligências da referida comissão de valhasquenses, por despacho de 24 de Fevereiro de 1938, do Bispo de Portalegre, D. Domingos Maria Frutuoso, seria criada a freguesia religiosa de Valhascos.

No entanto, da leitura de algumas notícias publicadas na imprensa regional entre 1910 e 1930, infere-se facilmente que terão existido, ao longo dos anos, algumas sérias rivalidades políticas entre o poder político instituído no Sardeal e alguns cidadãos de Valhascos. Como exemplo e pela sua relação directa com pessoas de Valhascos, apresento aqui alguns apontamentos sobre a chamada “QUESTÃO DO SOUTO”, colhidos no jornal «ECOS DE ABRANTES», questão que julgo ter sido levantada com um artigo publicado em 12 de Junho de 1914, com o título «Propaganda Eleitoral - Processos Afonsistas»:

«Os democráticos (leia-se afonsistas) do nosso concelho(de Abrantes) iniciaram já a propaganda eleitoral, usando os processos mais vergonhosos adoptados noutros tempos pelo caciquismo monárquico.

O deputado democrático, sr. João José Luís Damas, visitou há poucos dias, em propaganda eleitoral, o vizinho concelho de Sardeal, prometendo que a freguesia do Souto, pertencente ao nosso concelho, seria anexada ao de Sardeal, em troca da votação que aquele concelho, na sua maioria afonsista, possa dar aos candidatos do democratismo.

Independentemente deste facto que todos os abrantinos, sem distinção de partidos, devem condenar e evitar que se realize, empregando toda a sua energia. Aquele deputado percorre o concelho prometendo, como no tempo da monarquia, estações telegráficas, estradas, escolas, etc., como se esses melhoramentos não devessem ser distribuídos pelas diversas freguesias em harmonia com as suas necessidades.

É necessário que esses processos adoptados pelos caciques monárquicos, acabem de vez para prestígio e honra da República.

(...)Venha o Sr. Damas desmentir que tivesse prometido a anexação da freguesia do Souto ao concelho de Sardeal, que nós lhe apresentaremos testemunhas da maior respeitabilidade e a quem o Sr. Damas deve em grande parte a sua eleição ao primeiro parlamento da República.

E o que é que isto tem a ver com Valhascos?

Aparentemente, nada! Mas, vamos ao mesmo jornal, na sua edição de 26 de Junho de 1914:

#### A QUESTÃO DO SOUTO

Vamos, o mais serenamente possível, apreciar a questão aqui levantada, sobre a anexação da freguesia do Souto ao vizinho concelho do Sardeal.

A questão é bem simples. Uma numerosa comissão de todas as freguesias que constituem o concelho do Sardeal, trabalhavam para que esse concelho fosse anexado ao de Abrantes, visto que as contribuições são ali bastante elevadas e o concelho luta com grandes dificuldades para se manter. Essa comissão procurou, há tempos, o Sr. António Farinha Pereira, pedindo-lhe para a apresentar a um advogado, que lhe indicasse o caminho a seguir, para conseguirem o seus desejo. O Sr. Farinha Pereira acedeu a esse pedido, não voltando depois a aparecer essa comissão.

No último mercado mensal de gados, realizado nesta vila (Abrantes), o sr. Farinha Pereira encontrou um dos mais entusiastas da passagem do concelho do Sardeal para o de Abrantes, o Sr. António Esteves, dos Valhascos, e perguntou-lhe se já tinham desistido do seu propósito, visto o silêncio em que estavam há tanto tempo. Este senhor declarou, então, na presença de testemunhas, que o Sr. João José Luís Damas, deputado democrático pelo nosso círculo, acompanhado de outros indivíduos do Sardeal, o tinham procurado e pedido para que não continuasse a angariar assinaturas para a representação em que se pedia a integração do concelho de Sardeal no de Abrantes, porque lhe prometiam que o concelho seria melhorado, anexando-lhe a freguesia do Souto, pertencente ao nosso concelho.(...)

Ainda no mesmo número o deputado João José Luís Damas desmentia categoricamente ter alguma vez feito a promessa da anexação da freguesia do Souto ao concelho de Sardeal. Em face daquele desmentido, o Sr. António Farinha Pereira, escreveu a seguinte carta ao Sr. António Esteves, dos Valhascos:

Amigo e Sr. António Esteves  
Valhascos

Deve lembrar-se que no último mercado de Abrantes, falando nós sobre a anexação do Concelho de Sardeal ao de Abrantes, o meu amigo disse-me que tinha parado as suas diligências em vista do deputado Sr. João Damas e outros indivíduos lhe pedirem que não tratasse mais do assunto que eles se comprometiam a melhorar o Concelho do sardeal, anexando-lhe a freguesia do Souto. Foi isto que o meu amigo me disse na presença de diversas pessoas e é isto que lhe peço confirme nas costas desta carta ou em outra, enviando-me na volta do correio, se puder ser, e permitindo-me que faça da sua resposta o uso que entender.

Considero o meu amigo um homem de bem, e eu também me prezo de o ser e por isso quero rebater um desmentido que aparece a uma notícia publicada no ECOS DE ABRANTES, a esse respeito.

Creia-me com estima.

Seu amigo certo e obrigado

(a) António Farinha Pereira



No número seguinte a questão continuava:

(...) O Sr. António Farinha Pereira, que não se satisfez com a resposta que o Sr. António Esteves deu à sua carta, escreveu-lhe novamente pedindo a confirmação clara da conversa havida no último mercado e de que o Sr. Farinha Pereira tem testemunhas.

O Sr. António Esteves, apesar de se tratar dum assunto da maior importância e de grande interesse para o nosso concelho, e que é necessário esclarecer devidamente, ainda não respondeu a essa segunda carta, sendo para lamentar o seu procedimento.

(...)A carta do Sr. António Esteves não se publicou, não só devido à sua redacção, como também por aquele senhor se ter desviado do assunto, não esclarecendo o caso de que se tratava. Essa carta fica nesta redacção à disposição de quem a quiser consultar.

O Sr. António Farinha Pereira, desejando esclarecer a questão do Souto, escreveu novamente ao Sr. António Esteves:

Amigo e Sr. António Esteves  
Valhascos

Volto à sua presença. Não respondeu o Sr. Esteves à minha carta de 23 do passado. O motivo? Não o sei! Entretanto desejo uma resposta clara. Um homem de bem precisa provar que o é e por isso necessito que o Sr. Esteves responda às questões seguintes:

É ou não é verdade que o Sr. Esteves veio a minha casa dizer-me que a maioria do povo do Concelho do Sardoal estava desgostoso com a Câmara desse Concelho e com os pesados impostos que pagava à mesma Câmara e que, por esse facto, queria pedir a anexação do referido Concelho ao de Abrantes?

É ou não é verdade o Sr. Esteves pedir-me nessa ocasião para eu o apresentar a um advogado afim de lhe indicar a maneira de levar a efeito essa anexação?

É ou não verdade o Sr. Esteves apresentar-se em minha casa com uma comissão composta de indivíduos de todas as aldeias do Concelho de Sardoal a pedir-me para os acompanhar a casa do dito advogado?

É ou não é verdade o Sr. Dr. Martins de Carvalho, lhes indicar a forma de levar a efeito a sua pretensão?

É ou não verdade a citada comissão, de que o Sr. Esteves era o dirigente, ficar de dar a sua resposta logo que tivesse os seus trabalhos ultimados?

É ou verdade eu dizer ao Sr. Esteves, na presença do Sr. Zeferino Lourenço e esposa, dos Valhascos e do filho do Sr. João Bia, da Cabeça das Mós, no penúltimo mercado de Abrantes, que estranhava o silêncio dessa comissão e lhe perguntava o motivo de tal silêncio?

É ou não verdade o Sr. Esteves me declarar que a causa desse silêncio era devida ao Sr. João Damas e outros indivíduos do Sardoal lhe pedirem para desistir do seu intento prometendo-lhe o aumento do Concelho de Sardoal com a freguesia do Souto?

Em poucas palavras o Sr. Esteves dá a sua resposta, não querendo alongar-se nas suas considerações. Por baixo da minha assinatura nesta mesma carta declara se é ou não verdade o que deixo dito.

Sou com estima.

Seu Amigo Venerador e Obrigado

Alferrarede, 23-7-1914 (a) António Farinha Pereira

Em 21 de Agosto de 1914, no Semanário Republicano Evolucionista «ECOS DE ABRANTES», ainda sobre a mesma questão publicava-se o seguinte:

#### A QUESTÃO DO SOUTO

(...) O Sr. António Esteves, dos Valhascos, respondeu à última carta do Sr. António Farinha Pereira, publicada no número 24 do nosso semanário, confirmando todas as perguntas que este Sr. Lhe dirigiu, fazendo as seguintes considerações sobre a última pergunta, a mais importante para o esclarecimento da questão:

*“Sobre a última pergunta da sua carta devo declarar-lhe que não posso precisar com segurança a conversa que tive com V.Ex<sup>a</sup> mas, para esclarecimento da verdade, passo a expôr-lhe como os factos se passaram:*

*Em ocasião que agora não me lembra, juntámo-nos na Vila de Sardoal perto de 400 homens e fomos pedir ao presidente e mais vogais da Câmara para não lançarem contribuição sobre os cães, e como o presidente me dissesse que não tinham receita, eu retorqui-lhe, então, que a melhor forma de alcançarem essa receita seria aumentarem o concelho.*

*Passado algum tempo da nossa estada na câmara do Sardoal, era voz corrente que o presidente e vogais da mesma tinham ido ao Souto e ao Panascoso tratar de ver se os habitantes destas duas freguesias estavam de acordo na sua desanexação, e era também voz corrente que o deputado Sr. João José Luís Damas auxiliava a câmara do Sardoal no sentido deste concelho ser aumentado com as freguesias referidas.*

*É todavia certo que este cavalheiro, nem directa, nem indirectamente, me falou sobre o assunto, e se no nome dele eu falei a V.Ex<sup>a</sup> foi somente devido ao facto de, no Sardoal, ser voz corrente que ele prestava auxílio àquela câmara.*

*Aqui tem, por isso, V.Ex<sup>a</sup> explicada a razão porque na expectativa do aumento do concelho eu me tenho conservado inactivo e descurei por completo o assunto de que andava tratando conjuntamente com outros indivíduos das freguesias que compõem o concelho do Sardoal, e que era, como V.Ex<sup>a</sup> sabe, a extinção do mesmo concelho.*

*De V.Ex<sup>a</sup> m<sup>o</sup> at<sup>o</sup> v. e obrigado.*

*Valhascos, 11 de Agosto de 1914 (a) - António Esteves*

Talvez devido à agitação social e política que se viveu nos anos seguintes, ficou este assunto esquecido ou, pelo menos, não encontrei, sobre ele, outras referências documentais.

Mas, por volta de 1930, voltou a ter grande projecção, como se pode deduzir de uma notícia publicada no Jornal de Abrantes, em Junho de 1930, com o título: COM PAPAS E BOLOS...

(...) E o que aconteceria ao Souto se fosse freguesia do concelho de Sardoal? ... Simplesmente isto: Quando o Sardoal visse que a freguesia que tinha extorquido não pagava o bastante para lhe dar os melhoramentos que ela pedia e tirar algum proveito da anexação, teria que fazer rever a matriz para actualizar o valor dos prédios, visto que a câmara lança percentagem sobre o valor da matriz e só assim poderia receber uma verba condigna.

Atente a freguesia do Souto, o que se passa em Valhascos:

Esta laboriosa e importante povoação do concelho de Sardoal tem pelo censo de 1911, 254 fogos e 1058 habitantes e a vila do Sardoal tem 341 fogos e 1307 habitantes,

havendo, portanto, uma pequena diferença de 87 fogos e 249 habitantes, para menos. Depois da sede do concelho é a povoação mais importante. Têm os Valhascos insistentemente reclamado urgentes melhoramentos, como consertos nos caminhos, mudança da fonte para o centro da localidade, construção de uma escola para ambos os sexos, construção de um lavadouro e nada consegue.

Viu com desgosto criar-se a freguesia de Santiago de Montalegre e verifica, com tristeza, que os melhoramentos que carece não são satisfeitos, porque custam umas dezenas de contos e o Sardeal não pode com as despesas. (...)»

Esta questão teve grande impacto naquela altura e motivou uma «guerra» entre as Câmaras Municipais de Sardeal e de Abrantes, assunto que, noutra oportunidade, ainda espero poder vir a desenvolver exaustivamente.

Mesmo assim, não deixo de transcrever aqui, um pequeno excerto de um manifesto denominado «PRÓ-SARDOAL!», também de 1930, na parte em que, expressamente, refere os Valhascos:

«Bem diferente foi a atitude de Abrantes (através de um seu elemento de mais representação oficial) mandando aos Valhascos, por um emissário natural desta aldeia (*entre portugueses traidores houve algumas vezes*) prometer 30 contos para obras ali a realizar, se a maioria dos seus habitantes assinasse no sentido de pertencer ao concelho de Abrantes. Da nossa atitude, temos larga documentação que prova cabalmente só termos cumprido um dever que se nos impunha. E, terminando, podemos garantir, com a certeza que nos é dada pela razão que nos assiste - a vós, povos, que durante séculos a este concelho pertencestes - que justiça será feita, logo que aos ilustres homens públicos que nos administram, seja possível o tempo para serem atendidas a vossas tão dignas quão justas reclamações. E então, ( a não ser que, por infelicidade de todos, a velha política torne a assentar arraiais) jamais Abrantes poderá tornar a administrar-vos ou a julgar-se com esse direito.

***O Sardeal não teme Abrantes, pois a seu lado tem o Direito que o há-de conduzir à vitória! Uma comissão de Sardealenses»***

## **ALGUMAS NOTÍCIAS E CURIOSIDADES DAS FESTAS DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA**

Para além de algumas referências que deixei ao longo deste trabalho, julgo interessante transcrever algumas notícias que pude localizar na imprensa regional desde há cerca de 90 anos, sobre as festas mais antigas e tradicionais de Valhascos. Assim:

### **JORNAL DE ABRANTES - 3 de Setembro de 1911**

#### **FESTAS NOS VALHASCOS**

É nos próximos dias 10-11 que se realizam nos Valhascos as tradicionais festas da N. Senhora da Graça, que prometem, este ano ser revestidas de grande brilhantismo, para o que não se têm poupado a esforços os seus promotores. Além da missa a grande instrumental, fogo de artifício dos hábeis pirotécnicos da aldeia, José Lourenço Galinha e Henrique Alves Ameixoeira.

### **JORNAL DE ABRANTES - 29 de Agosto de 1920**

#### **FESTAS EM VALHASCOS**

Prometem ser muito concorridas as festas à Senhora da Graça que como nos anos anteriores se realizam nesta aldeia em 8 e 9 de Setembro e que constarão de festa de igreja, com sermão e missa cantada, fogo de artifício confeccionado pelos dois afamados pirotécnicos da localidade e arraial, abrilhantado pela Filarmónica Sardoalense.

### **JORNAL DE ABRANTES - 18 de Setembro de 1921**

#### **FESTAS EM VALHASCOS**

Como noticiámos realizou-se em Valhascos, nos últimos dias 8 e 9 de Setembro, a festa no belo e pitoresco lugar de Valhascos, a qual decorreu com brilhantismo e animação. No dia 8, à noite, queimou-se um vistoso fogo de artifício fornecido pelos hábeis pirotécnicos desta localidade, Srs. José Lourenço Galinha e filho e do Sr. Ameixoeira. A Comissão pedenos para agradecer ao benemérito povo de Valhascos a prontidão com se dignou auxiliar esta festa.

### **JORNAL DE ABRANTES - 3 de Setembro de 1922**

#### **FESTAS DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA**

Como nos anos anteriores, realizam-se nos próximos dias 8 e 9 do corrente mês, nesta aldeia.

No dia 8: Às 4 horas alvorada pela Filarmónica e gaita de foles, acompanhada de morteiros e em seguida peditório. Às 12 horas. Festa de igreja igual à do ano passado. Em seguida venda de fogaças, arraial e bailes. À noite queimar-se-á um vistoso fogo de artifício e do ar fornecido pelos dois pirotécnicos da aldeia, Sr. José Lourenço Galinha e Henrique Alves Ameixoeira.

Dia 9: 10 hora, missa. Às 15 horas chegada da Filarmónica e em seguida arraial e baile.

Abrilhanta a festa nos dois dias a Filarmónica Sardoalense.

Gerentes da festa: Manuel Lourenço Galinha e José Diniz.

## **JORNAL DE ABRANTES - 26 de Agosto de 1923**

### **FESTAS DE VALHASCOS**

Realizam-se nos dias 8 e 9 de Setembro as tradicionais festas à Nossa Senhora da Graça, que este ano prometem revestir-se com maior brilhantismo que no ano anterior. O programa é o seguinte:

Dia 8: Às 4 horas da manhã, alvorada pela Filarmónica com uma salva de 21 tiros. Às 7 horas, peditório e ajuntamento de fogaças. Às 12 horas, missa de igreja. Às 14 horas venda das fogaças e às 16 horas começa o arraial com descantes populares e à noite queimar-se-á um vistoso fogo de artifício pelos dois pirotécnicos José Lourenço Galinha e Henrique Alves Ameixoeira.

Dia 9: Às 12 horas, missa de promessas e à tarde começo do arraial que se prolongará durante a noite, sendo esta festa abrilhantada pela excelente Filarmónica Sardoalense que executará variados trechos do seu vasto repertório.

Às Festas de Valhascos!

A Comissão: José Diniz e Manuel Lourenço Galinha.

## **JORNAL DE ABRANTES - 7 de Setembro de 1924**

### **FESTAS E ROMARIAS - VALHASCOS**

Em honra de N. Senhora da Graça terão lugar nos dias 8-9 de Setembro, em Valhascos, imponentes festividades.

No dia 8 haverá alvorada com gaita de foles, acompanhada de alguns morteiros.

Às 8 horas chegada da Filarmónica, subindo ao ar uma girândola de 21 morteiros, percorrendo as ruas da aldeia. Às 9 horas, começo do peditório e às 12 ajuntamento das fogaças. À tarde arraial e bailes campestres.

Às 22 horas será queimado fogo de artifício fornecido pelos hábeis pirotécnicos da localidade, Galinha e Ameixoeira, os quais se esmerarão na sua confecção.

No dia 9: Grandiosa festa de Igreja em cumprimento de promessas. Às 12 horas chegada da Filarmónica. Às 15, começo de cavalhadas e em seguida arraial. À noite queimar-se-á vistoso fogo do ar.

A Filarmónica Sardoalense é que tomará parte nos festejos com um variado programa.

## **JORNAL DE ABRANTES - 6 de Setembro de 1925**

### **FESTAS À SENHORA DA GRAÇA**

Valhascos mais uma vez veste galas para receber os numerosos forasteiros que aqui vão vir nos dias 8 e 9 de Setembro, para assistir às festas da sua Padroeira, Nossa Senhora da Graça.

Dia 8: Alvorada com morteiros. Às 8 horas começo do peditório. Às 12 horas festa de Igreja, missa cantada e sermão. Em seguida, venda de fogaças. À tarde arraial que se prolongará pela noite adiante, sendo queimado feérico fogo de artifício fornecido pelos pirotécnicos desta localidade, José Galinha e Henrique Ameixoeira.

Dia 9: Haverá missa. À tarde arraial. Durante a noite sessão de pirotecnia com fogo preso e aéreo.

Abrilhanta a festa nos dois dias a Filarmónica União Sardoalense.

## **O BALUARTE -13 de Outubro de 1929**

### **PELOS VALHASCOS**

Exm<sup>o</sup> Senhor Director d' «O BALUARTE»

Realizou-se nesta aldeia, no dia 8 de Setembro último, uma festa religiosa que deveria servir à satisfação e alegria de todos os habitantes de Valhascos, mas afinal só serviu de desgostos e arrelias, devido ao Padre de Alcaravela, que com as suas vinganças de Jesuíta, quis obrigar os festeiros a fecharem as portas da igreja, depois do sol-posto, ordem que os festeiros não acataram.

O Pastor Sagrado, tornado lobo dos crentes generosos e verdadeiros, vendo que as suas ordens não eram respeitadas, barafustou com os seus lacaios e ratas de sacristia, que a igreja ficava excomungada e à viva força pretendiam fechar a porta da igreja o que não conseguiram porque os festeiros e o povo crente na sua fé religiosa não permitiram tal afronta, levada a efeito por uns masmarro, que a sua fé é apenas o interesse, humilhação vexatória de crentes sinceros que ainda vão nas suas tretas.

Este Prior de Alcaravela tem uma história (a do estroçoamento das couves da irmã) que o há-de immortalizar.

C.

## **JORNAL DE ABRANTES - 30 de Agosto de 1930**

### **VALHASCOS - FESTEJOS**

Nesta localidade realizam-se a 8 e 9 de Setembro, imponentes festejos cujo produto se destina à subscrição para a construção da Escola Oficial.

É o primeiro ano em que as festas são abrihantadas pela afamada Banda do Grémio Instrução Musical de Abrantes, pelo que há grande interesse em ouvir o seu excelente repertório.

Do programa consta: alvorada, quermesse, com grande arraial, concertos musicais e como grande número de sensação a queima de um vistoso fogo preso e do ar, confeccionados pelos pirotécnicos da localidade Sr. José Galinha & Filhos e Henrique Ameixoeira, que nas duas noites apresentarão peças completamente desconhecidas.

## **JORNAL DE ABRANTES - 21 de Setembro de 1930**

### **A ESCOLA DE VALHASCOS**

A Comissão da iniciativa da construção da escola de Valhascos, constituída pelos Srs. José Dias Ferreira, Francisco Dias Ferreira, Alferdo Mendes Mota, António da Cunha, José Dinis, Manuel Calvário, Manuel Rodrigues Garcia, José Luís, Manuel da Cruz, José Esperto, Tiago Alves Clérigo e Sebastião Esteves, agradecem muito reconhecidos o donativo que lhes foi oferecido pela Comissão das Festas que aqui se realizaram nos dias 8-9, da qual faziam parte o Sr. Manuel Ramos, Ramiro Aves, António Lourenço Galinha, Luís Lourenço Galinha e Luís Cabau.

Este donativo que foi de esc: 973\$50, em dinheiro e 95\$00 em valor de materiais e mão-de-obra, representa o lucro líquido daqueles festas que tiveram o fim de angariar receita para que seja levada a efeito uma das maiores aspirações dos Valhascos: A sua Escola.!

## **JORNAL DE ABRANTES - 19 de Outubro de 1930**

### **FESTAS DE VALHASCOS - AGRADECIMENTO**

A Comissão das festas aqui realizadas em benefício da escola, nos dias 8 e 9 de Setembro e 12 de Outubro, vem, por este meio, agradecer a todos que a auxiliaram. À Filarmónica do Grémio Musical de Abrantes, que com o seu variado e bem executado reportório, agradou bastante. Ao Luzitano Melody - Band, que também agradou. Aos hábeis pirotécnicos José Lourenço Galinha & Filhos e Henrique Alves Ameixoeira e filhos, o bem confeccionado fogo de artifício.

A todos, os nossos reconhecidos agradecimentos.

A Comissão, desde já declara que não torna a promover festa alguma.

C.

## **JORNAL DE ABRANTES - 13 de Setembro de 1931**

### **EM VALHASCOS: DESFAZENDO CALÚNIAS E ARREFECENDO ÓDIOS.**

Não quero, com estas despreziosas palavras, melindrar e muito menos incriminar alguém.

Tenho, simplesmente, por objectivo esclarecer tantos que, na confusão dos ditos e pensamentos, não sabem distinguir o verdadeiro do falso, mas que, nem por isso, deixam de ser influenciados pelo ódio satânico, espalhado aos quatro ventos.

Há dois anos fez a tradicional festa nesta aldeia, em honra de Nossa Senhora da Graça, a Comissão encarregada de a promover. Como se tratava de uma festividade religiosa, entendeu-se com o Pároco da freguesia, fez as melhores promessas e responsabilizou-se a cumprir a portaria então vigente sobre as festas.

Foi só nestas condições e julgando-se tratar com homens sérios que a festa se realizou, mas essa mesma Comissão, terminada a festa de Igreja, teve o descaramento de declarar ao Pároco que não cumpriria a palavra dada.

A isto era levada pelos conselhos daqueles que deveriam sentir o rubor nas faces por se imiscuirem em matéria de religião, mas cuja mentalidade tacanha não atinge a noção de liberdade que tanto apregoam...Liberdade de funil! Foi sempre assim.

Não vale a pena descrever as loucuras que cometeram depois da festa, pois sabem bem o que se passou.

O ano passado a Comissão não pensou sequer em festas, mas este ano como têm um saldo, segundo dizem, não sei se com verdade, de 300\$00, pretendem fazer a festa, mas em vez de reconhecerem o mau procedimento e de ir ter com o Pároco, pedindo desculpa e expondo o que se passava e pensava, dirige-se a um estranho para lhe escrever e perguntar se queria ou não fazer a festa, sem que se entendesse com o mesmo Pároco.

O Rev<sup>o</sup> Pároco teve a amabilidade de responder imediatamente. Mas que resposta esperavam?...

São palavras textuais do Pároco, para evitar confusões:

*«Não faço a festa em Valhascos. Fiquei mestre no último ano e por isso não preciso de novas lições!»*

É preciso que nos entendamos. Não faz a festa, nas condições indicadas e o período que transcrevemos da resposta é claro e decisivo. Não precisa de comentários.

Daqui se vê a falsidade do que por aí dizem, que o Pároco não fez a festa para se vingar do povo e que assim só estraga a religião.

Descansem. Só falam os hostis ou os que não sabem o que dizem!

Ora não se estraga uma coisa onde ela não existe.

Estamos entendidos, senhores comissários?

Ponham ponto final em tais conversas e não ateiem a fogueira irracional do ódio.

Mas que fazer ao dinheiro que temos? Sabeis a quem pertence e não satisfareis empregando como o quiserdes.

Em nome de todos os Valhasquenses que sabem ou querem ver as coisas, fica aqui expresso o mais veemente protesto contra qualquer emprego ilícito do dinheiro saldado.

(A) Sebastião Esteves Calvário.

### **JORNAL DE ABRANTES - 19 de Agosto de 1934**

#### **FESTAS EM VALHASCOS**

Promovidas pelos Srs. José Lobato, João Ventura Júnior, Agostinho dos Santos e José de Oliveira Quintas, realizam-se nesta pitoresca aldeia umas importantes festas em benefício da escola, as quais são abrilhantadas pela afamada Filarmónica Sardoalense.

### **JORNAL DE ABRANTES - 9 de Agosto de 1936**

#### **FESTAS EM VALHASCOS**

Em honra de N. Senhora da Graça, nos dias 8 e 9 de Setembro. O programa é o seguinte:  
Dia 8: Às 6 horas, alvorada. Às 7 horas, chegada da Banda do Sardoal. 9 horas, peditório pela aldeia. Às 11 horas ajuntamento da fogaças, conduzidas por gentis meninas para a igreja. 12 horas: Missa e sermão. Às 15 horas: abertura da quermesse e arraial, descantes populares e divertimentos. Às 0 horas: Fogo de artifício pelos hábeis pirotécnicos Srs. Ameixoeira e Filhos e Galinha e Filhos.

Dia 9 : Às 6 horas, alvorada. Às 9 horas, missa. Às 11 horas: Chegada da Banda do Sardoal. Às 15 horas, reabertura do arraial, etc. Às 0 horas, fogo de artifício.

A Comissão é composta pelos Srs. José Maria Dias Ferreira, Bento Esteves, João Martins Tapada e António Lopes Farinha.

No jornal «O ABRANTES» de 16 de Fevereiro de 1908, vem uma curiosa referência às festas de Nossa Senhora da Graça, que não resisto a transcrever:

#### **CASOS E TIPOS**

##### **TIPOS SARDOALENSES - O PADRE FRANCISCO DO VALE**

Era o verdadeiro protótipo do Padre da Aldeia.

Gordo, corado, barrigudo, cachaço de três rodela, muito risonho e sempre disposto à bela e hilariante chalaça, recheada de ditos abrejeirados e picantes.

Dos actuais habitantes da vila poucos se hão-de lembrar dele, pois isto já lá vai uns bons 40 anos.

Eu, infelizmente, lembro-me, mas lembro-me com saudade, por saber que naquele tempo tinha apenas 7 para 8 anos e, brincando à minha porta com o filho da Cavaca, o Luís da Bica, o Manuelzinho e o irmão Domingos, quando todas as tardes o víamos aparecer ao fundo da rua, vestido no seu casacão de briche, muito coçado e avinhão, exalndo um cheiro a humanidade descuidada!...

Era certo todas as tardes visitar o Dr. José Maria, com quem conversava. Conversava e beberricava, que eles não sabiam fazer nem uma coisa nem outra.

Era relativamente inteligente e pregava uns sermões recheados de latim bárbaro, que deixava alarmados os próprios colegas, que não o entendiam.

Um dia foi procurado pelo João Galinha, dos Valhascos, que era Juiz das Festas da



Senhora da Graça e que vinha pedir para ele lá ir pregar, mas observando-lhe que a Irmandade e os Festeiros não tinham dinheiro, pois como sua reverendíssima muito bem sabia, o ano tinha sido mau e, portanto que fizesse um preço baratinho, para eles poderem cotizar-se em dinheiro ou géneros.

O Padre fixou o sermão em três quartinhos, preço que o Galinha achou demasiado, atendendo à falta de dinheiro. Mas se sua reverendíssima aceitasse géneros, alguma coisa se arranjará... Mas nunca o valor de três quartinhos, que era muito!...

Depois de caturrarem por muito tempo, ficou assente que pregaria o sermão em troca de esterco, que haviam de pôr-lhe em casa, antes da festa!...

E assim se fez...

O nosso homem lá foi, mas muito contrariado, pois que a carrada foi pequena, pouco acalcada e de má qualidade!...

Quando chegou a Valhascos esteve em casa do Coelho, queixando-se dos mordomos e ao mesmo tempo, molhando a palavra e como os almoços da vila cabem três numa barriga, foi almoçando também. Mas da comida dos criados, pois que os donos da casa já tinham acabado.

Abarrotado como um tonel, lá foi para a igreja dormir a sua soneca, até chegar a hora de impingir o seu latinório.

Quando assumou ao púlpito sentia-se incomodado. Por mais que quisesse não havia meio de se fazer ouvir. Com um esforço heroico lá se persignou e com a língua a tremelicar-lhe, principiou com uma Avé Maria! Mas não pôde mais.

Os almoços começaram a sair-lhe da boca às golfadas, inundando e borrifando todos os que estavam debaixo do púlpito a ouvir a avinhada e inspirada palavra do prégador. Foi um burburinho em todo o mulherio, que fugia sacudindo os xailes e saias domingueiras. O Reverendo, ao ver a debandada e para acalmar o sussurro, gritava do púlpito a plenos pulmões: *Não se apoquentem, que não faz nódoa. As migas não tinham azeite!...*

Os mordomos ficaram sempre persuadidos que a indisposição de sua reverendíssima tinha sido pela má qualidade do esterco que lhe mandaram... *IGNOTUS*

## **OUTRAS NOTÍCIAS DE VALHASCOS**

Na pesquisa que efectuei na imprensa regional encontrei mais algumas notícias que podem ajudar a fazer a história de Valhascos. Apresento-as ordenadas cronologicamente e sem qualquer preocupação temática.

### **JORNAL DE ABRANTES - 23 de Outubro de 1904**

#### **NOTICIÁRIO**

Na aldeia de Valhascos, na passada terça-feira, deu-se um desastre que ia custando a vida a 3 homens.

Foi numas obras do Padre Francisco Ferreira. Achando-se sobre um andaime os trabalhadores Manuel Jacinto da Neta, Henrique Quintas e Manuel da Silva, construindo os alicerces duma abóbada que deveria cobrir um poço com 8 metros de altura, quando de repente, o andaime desabou e vai tudo para o fundo do poço que continha cerca de 3 metros de água, ficando ali todos sem se poderem mexer.

Aos gritos aflitivos acudiu muita gente a prestar socorros, indo entre esta o dono da obra que imediatamente mandou chamar o médico do Sardoal, vindo o Dr. Victor Mora prestar os devidos socorros médicos àqueles desgraçados. Um deles apresentava 7 ferimentos na cabeça, além de outros de menos importância. Os outros queixavam-se muito do corpo.

### **JORNAL DE ABRANTES - 19 de Março de 1905**

#### **EFEITOS DO VINHO**

Na aldeia de Valhascos, concelho de Sardoal, onde a produção do vinho foi grande e a sua riqueza alcoólica atingiu um elevado número de graus, tem ele feito das suas.

No dia 7 houve pancadaria da grossa, chegando a haver sangue. Por fim tudo acabou em paz.

Na noite do dia 12, achando-se Sebastião Ferrão na taberna de Amaro Carvalho, ali começou a apregoar a sua valentia, ou antes a do vinho, dizendo que não temia homem nenhum naquela terra, etc. Como ali perto se achasse Manuel Rodrigues Descalço que empunhava um copo do saboroso néctar e como não estivesse disposto a ouvir tanta valentia do inoportuno Sebastião, atirou-lhe com um copo à cara, caindo redondamente no chão. Com a intervenção de outra gente que acudiu ao barulho, levantaram o inoportuno provocador, já banhado em sangue, devido a um grande ferimento que tinha no rosto.

Na impossibilidade de o ferido poder ser transportado para o Sardoal, a fim de receber tratamento, mandaram chamar o médico que ali chegou pelas 9 horas para o curar.

E aqui está como o diabo, digamos, antes o vinho, as tece. Agora lá tem o pobre Rodrigues de ir dar contas à justiça, por aquilo que fez ser provocado por um valente. (C.)

## **JORNAL DE ABRANTES - 5 de Novembro de 1905**

### **VALHASCOS**

Nos dias 21-22-23 de Outubro findo, realizaram-se nesta aldeia de Valhascos, festas imponentes em acção de graças pela conclusão da nova capela.

No dia 21 de manhã procedeu-se à sua benção, seguindo-se missa cantada em que tomaram parte 7 sacerdotes.

De tarde houve um bem concorrido arraial, onde as cachopas dançaram alegremente ao som da Música Sardoalense e à noite foi queimado um vistoso e bonito fogo de artifício do afamado pirotécnico desta aldeia Sr. José Lourenço Galinha, o qual também deitou um bonito balão que foi alvo de admiração de toda a gente, não só pela altura a que subiu, mas também pela variedade de lágrimas que ia lançando à maneira que se ia perdendo no espaço.

No dia 22, constou de peditório pelo povo, sempre com a Música Sardoalense (a dos *Ciganos*) havendo em seguida missa rezada. À tarde continuação do arraial, música e fogo de artifício dos pirotécnicos Henrique Alves Ameixoeira e Francisco Amante de Mouriscas. O balão deitado por estes artistas também era de grande efeito, mas foi menos feliz que o primeiro, pois ardeu aí por altura de 300 metros.

No dia 23 houve missa e sermão de promessas da devota Mariana Esteves, pois é a ela que se pode agradecer estar a capela acabada, visto ter sido quem maior esmola deu para tal fim.

E assim terminaram estas festas no meio da maior alegria e satisfação de todos.

## **JORNAL DE ABRANTES - 18 de Novembro de 1906**

### **VALHASCOS**

No domingo à noite foi agredido à paulada, na taberna de Luís Vicente, o José Lopes Morgado, também conhecido por José Botas, deste mesmo lugar, do que resultou ficar bastante contuso com alguns ferimentos. Por enquanto ainda não podemos indicar o nome ou nomes dos agressores, pois têm empregado todos os meios para os encobrir. A culpa disto tudo é da autoridade, por consentir as tabernas abertas toda a noite. Ao Exm<sup>o</sup> Administrador do Concelho de Sardoal pedimos sérias providências a fim de se evitar qualquer facto de consequências mais desagradáveis.

Perguntamos ao aferidor do concelho se está certo de ter aferido todas as medidas que por aqui andam em uso na medida da azeitona?

## **JORNAL DE ABRANTES - 15 de Dezembro de 1907**

### **VALHASCOS - ESPARTEIRO**

Fabricam-se ceiras de esparto e outras feitas em corda de cairo, sendo estas até hoje conhecidas como as melhores de fácil esprema. Dirigir a Alfredo Mendes Mota - Sardoal-Valhascos.

No mesmo número:

Estranha-se com justificada razão o desprezo a que esta povoação está votada.

Os caminhos estão em mísero estado. A estrada do ramal está um lamaçal de tal ordem que até chega a impedir o trânsito. O que se trata é de vinganças e outras porcarias semelhantes. A Câmara deste concelho obrigou um cavalheiro desta localidade a desmanchar uma parede que o mesmo havia construído em harmonia com a licença concedida por aquela corporação. A postura municipal no seu artigo 92<sup>o</sup> determina que a qualquer caminho seja respeitada a largura de 3 metros quando em linha recta e de 4

metros em curva. Ora, foram praticamente estas dimensões observadas pelo mesmo indivíduo quando mandou construir a referida parede. Tal modo de proceder denota simplesmente inconsciência de quem assim procede. Às vezes é bom que assim suceda para ver se vão desempenhando. No entanto haja nesta terra alguém que se levante a pugnar pelos interesses locais e terão cumprido o seu dever. (C)

#### **JORNAL DE ABRANTES - 18 de Janeiro de 1908**

##### **SAGRAÇÃO DUM BISPO NO SARDOAL**

Realiza-se no próximo dia 26 do corrente, na Igreja Matriz desta vila, a sagração do Bispo Rev<sup>o</sup> António Alves Ferreira, filho desta terra... À cerimónia assistirão, como é da praxe, mais três Bispos que consta serem o Bispo Barroso, do Porto, Bispo de Lamego e o Arcebispo-Bispo da Guarda. Também assistirão ao acto os Srs. Ministro da Justiça, o Lente Serras e Silva e muitas outras pessoas importantes. Haverá jantar de gala que consta de cerca de 200 talheres.

Reina grande entusiasmo e ansiedade por este dia que deve ter uma concorrência extraordinária, pois que é uma cerimónia que nunca aqui se fez, nem nos concelhos vizinhos consta que se tenha feito. O jantar realiza-se no salão nobre da Casa Grande e já se está dispondo as coisas para esse fim, sob a direcção da Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> D. Prudência Serras e Silva. (C.)

#### **«O ABRANTES» - 26 de Janeiro de 1908**

##### **A SAGRAÇÃO DE UM BISPO: ESTÁ HOJE EM FESTA O SARDOAL**

Realiza-se ali, com grande pompa, a sagração do Sr. D. António Alves Ferreira, como coadjutor e futuro sucessor do Bispo de Viseu, assistindo à cerimónia que tem lugar na Igreja Matriz, além do Ministro da Justiça, amigo íntimo do novo prelado, os Bispos do Porto, lamego e Cochim, sendo bispo sagrante este último.

Finda a cerimónia, que durará, aproximadamente, quatro horas, haverá um lauto banquete em que tomam parte para cima de cem convivas.

#### **JORNAL DE ABRANTES - 2 de Fevereiro de 1908**

##### **A SAGRAÇÃO DE D. ANTÓNIO ALVES FERREIRA: BISPO DE MARTINOPOLIS (VISEU).**

Como tínhamos noticiado realizou-se no dia 26 do mês findo, na vila de Sardeal, a sagração de D. António Alves Ferreira, natural da aldeia de Valhascos, deste concelho de Sardeal e ultimamente levado à dignidade de Bispo de Martinopolis. A igreja onde teve lugar aquela imponente e magestosa cerimónia achava-se rica e magestosamente ornamentada.

Muito antes da hora indicada para a cerimónia, já o magestoso templo se encontrava repleto de fiéis. Às 11 horas e 25 minutos, sob a presidência do Bispo de Lamego, deu-se o princípio ao acto religioso, empunhando o báculo o Reverendo Cónego Alexandrino Nunes.

A orquestra habilmente regida pelo digno mestre Sr. Lingner, tocou admiravelmente. Do seu conjunto faziam parte, entre outros, 2 violas e 2 vozes de Santarém. O orago estava confiado ao Padre Sabino. Em seguida a esta cerimónia teve lugar um solene TE DEUM, que terminou por volta das 3,5 horas da tarde, beijando-se os Bispos entre si.

Depois organizou-se o cortejo que acompanhou os Reverendos Bispos à residência do Sr. Tenente Tavares, onde se achavam hospedados, assim como o Sr. Ministro da Justiça. Atrás seguia a Filarmónica, tocando o hino nacional, demorando ali algum tempo.

## O JANTAR

O jantar começou às 9,5 horas da noite e terminou cerca das 3 horas da madrugada, correndo sempre no meio de um indescritível entusiasmo.

O salão onde foi servido achava-se ricamente ornamentado com vistosas colchas de seda e damasco, verdura e grande profusão de flores e lindamente iluminado com 7 lustres de cristal, a velas, sendo um ao centro e os demais dispostos sobre a mesa.

À entrada dos convidados no salão, a velha Filarmónica Sardoalense executava, num vistoso coreto que se erguia em frente ao salão do palácio dos antigos fidalgos Moura e Mendonça, o Hino da Carta, tocando, também, várias peças de música, até à meia-noite, hora a que foi dispensada.

A mesa percorria toda a volta do salão e comportava 61 convidados.

À cabeceira estava o novo Bispo, D. António Alves Ferreira e ao seu lado direito os Srs. Ministro da Justiça, D. Francisco José, Bispo de Lamego, Dr. Serras e Silva e a família do novo Bispo. E ao lado esquerdo, D. António Barroso e D. Mateus de Oliveira Xavier.

Numa sala contígua ao salão achava-se uma outra mesa, igualmente bem disposta, para 20 pessoas.

O jantar foi variadíssimo, sendo o menú, o seguinte:

*«Consomé à la tête de veau; petits patês à la Reine. Poisson à l'holandaise, sauce de huitres aux câpres. Genisse à la Financière. Perdoux au champignons. Gelatine de pouples tuffées, à l'aspic. Saumons à l'Italienne. Dindon tufée au cresson. Àsperges sauce à l'Anglaise. Gelé de fruits. Charlottes Rousse. Pudings à la Brésillienne. Ouef à la Portugaise. Pudings à la Diplomate. Vin du Porto, Madeira, Colares, etc.*

Discursaram no fim do jantar, D. António Alves Ferreira, Bispo de Viseu (novo). D. António Barroso, Bispo do Porto. D. Francisco José, Bispo de Lamego. Dr. Teixeira de Abreu, Dr. Serras e Silva, Cónego Mora, Dr. Manuel Pinto Montenegro, Padre António Basso, Padre Francisco Correia Ventura, Germano Silva, jornalista, José Alexandre, Júlio Bivar Salgado, Dr. Avelino Figueiredo, Dr. Anacleto da Fonseca Matos Silva, Dr. Miguel Ferreira de Almeida, Dr. José Frutuoso da Costa e António Dias Conde. Salientaram-se nos seus discursos os Bispos, Ministro da Justiça e Dr. Serras e Silva.

Ao terminar, D. António Alves Ferreira, agradeceu a todos por o terem acompanhado neste dia tão solene e as provas de consideração e estima que lhe acabavam de tributar.

Não damos os nomes de todas as pessoas que tomaram parte, em vista da falta de espaço com que lutamos.

No rápido de Madrid de segunda-feira, retiram-se os Bispos do Porto, Lamego e Cochim e o Ministro da Justiça. Também retiraram nesse mesmo dia, o Dr. Serras e Silva, Cónego Mora e João Coimbra e Família.

## JORNAL DE ABRANTES - 2 de Fevereiro de 1908

### D. ANTÓNIO ALVES FERREIRA, VISITANDO VALHASCOS.

Na terça-feira foi o Bispo D. António Alves Ferreira, visitar a aldeia de Valhascos, sua terra natal, onde tem ainda muita família, sendo ali recebido no meio de uma grandiosa manifestação de alegria, com vivas ao novo Bispo, deitando-se muitas flores e queimando grande quantidade de foguetes. O Rev<sup>o</sup> Bispo dirigiu-se à capela, onde deu o anel a beijar. Depois regressou ao Sardoal onde ainda se demorou alguns dias, sendo no seu regresso novamente cumprimentado pela Filarmónica Sardoalense, a quem ofereceu um jantar.

### **COROAÇÃO DO BISPO DE MARTYNOPOLIS**

Foi uma festa digna de menção que muito deve envaidecer o seu protagonista e todos os sardoalenses que a ela assistiram.

Não somos religiosos de formas e pragmáticas, porque a nossa religião é o dever e cumprindo-o estamos quites para com «Deus» e homens. Não obstante gostámos de assistir e observar minuciosamente.

Todas aquelas cerimónias, algumas comoventes e curiosas, outras enfadonhas, cansando o sagrado, sagrantes e assistentes, pois que o confeccionador do protocolo eclesiástico quando a alinhavou estava, por certo, abstracto e transportado aos tempos pagãos da idolatria simbólica em que a par da concentração religiosa, havia aparato teatral, que deslumbrava as multidões ignaras.

Os tempos modificam tudo e todos, e hoje só se admite por tradições e não por sentimentos.

E ainda bem!

No entanto, como já disse, a festa a todos agradou e notava-se em todos os assistentes uma satisfação e contentamento espontâneos, dando assim uma nota alegre à solenidade, a que a própria natureza se associou, pois que o tempo estava primaveril.

O Sardoal deve envaidecer-se por ter elevado à mais alta dignidade eclesiástica, um dos seus maiores filhos, que à força de trabalho persistente e insistente, soube conquistar a mitra prelatícia e as honras de príncipe da Igreja Lusitana. Bem haja! E daqui lhe damos as nossas respeitosas felicitações sinceras.

Assistimos ao jantar que foi lauto, abundante e escolhido.

Ao *toast* levantou-se o ilustre anfitrião, que agradeceu em frases simples, comovidas, a todos que se dignaram honrá-lo com a sua presença. E em particular o Sr. Ministro da Justiça, seu amigo íntimo, que o escolheu para tão alto cargo, historiando o motivo que o elevou àquela dignidade.

Respondeu-lhe, calorosamente, o Sr. Ministro, justificando o acto que praticou, não só por impulso do seu coração, como amigo, mas fazendo justiça às qualidades de carácter, saber e respeitabilidade, que ornaram o ilustre prelado.

Falou, em seguida, o Dr. Serras e Silva, que no pouco que disse, se manifestou um orador de raça, chegando a comover o auditório, que lhe dispensou justos aplausos.

Muitos outros oradores se fizeram ouvir, ferindo todos a mesma acta de felicitações.

O Ministro agradeceu a forma bizarra e hospitaleira dos habitantes da vila e a quem desejou prosperidades.

Oxalá que fizessem eco, no espírito dos ouvintes, estas palavras e aquele dia seja marco luminoso para elucidar tudo e todos, na necessidade de se unirem e fraternizarem, de modo a que façam progredir e desenvolver muitos recursos que a terra tem e dispõe.

Mas que estão desbaratadas pela dissidência mesquinha da politiquice indígena, que tudo destrói e atrofia.

Se o conseguirem: Bendita coroação!

(Um Sardoalense)

### **BREVE BIOGRAFIA DE D. ANTÓNIO ALVES FERREIRA**

Natural de Valhascos, nasceu em 11 de Junho de 1864, filho de Manuel Alves Ferreira e de Florinda Maria, também conhecida por Florinda Rosa. Só em 1880 começou os seus estudos em Castelo Branco, diocese a que então pertencia a sua freguesia de Sardeal. Ali fez os preparatórios para o Curso Teológico. Extinta a diocese de Castelo Branco, em 1882, foi cursar Teologia no Seminário de Portalegre. Concluiu o curso em 1886, celebrando a primeira missa no Natal desse mesmo ano. Em 1886-87, já sacerdote, repetiu em Portalegre os preparatórios, matriculando-se, de seguida, na Universidade de Coimbra, em Teologia e em Direito, tendo concluído as duas formaturas em 1893. Desde 1889 era pároco colado de São Facundo (Abrantes), tendo conseguido dispensa de residência para fazer as licenciaturas.

Em Coimbra exerceu o cargo de Capelão da Real Capela da Universidade e do Mosteiro de Santa Clara. Em 1894, tendo renunciado à paróquia de S.Facundo, foi desempenhar o cargo de Vice-Reitor do Seminário de Lamego, leccionando Teologia Dogmática, Geografia e História, aí se conservando até 1906.

Apresentado coadjutor e sucessor do Bispo de Viseu em Novembro de 1907, recebeu a sagração episcopal em 26 de Janeiro de 1908. Por morte do seu antecessor ficou bispo residencial a partir de 2 de Julho de 1911. Enfrentou corajosamente o período mais agudo das perseguições à Igreja. Logo em 1912, tendo feito, em Viseu, o Ministro da República, Macieira, que nas suas declarações hostilizou os católicos, o novo Bispo de Viseu, dirigiu-lhe um ofício de protesto, com a data de 23 de Fevereiro. Mas já em 3 de Janeiro expedira uma circular condenando as chamadas Associações Culturais. Perguntado se era o autor e tendo confirmado ser do seu punho, foi-lhe imposta a expulsão do distrito, por dois anos. Em 14 de Janeiro saiu do distrito e fixou-se, em casa de família amiga, em Sobral Pichorro, Fornos de Algodres, por algumas semanas. E depois de estar algum tempo na sua aldeia natal, regressou a Fornos de Algodres, onde assentou casa própria e se manteve até ao fim do exílio - 20 de Janeiro de 1914. A partir daí, governou a Diocese com a possível normalidade e um zelo inexecedível até 1927, ano do seu falecimento.

### **BREVE BIOGRAFIA DO PADRE FRANCISCO ALVES FERREIRA**

Nasceu em Valhascos, em 26 de Agosto de 1860, filho de Manuel Alves Ferreira e de Florinda Maria, também conhecida por Florinda Rosa.

Recebeu a Prima Tosura, as Ordens Menores e a de Subdiácono, conferidas por D.José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Martens, na Capela do Real Colégio das Missões, em Chelas, Lisboa. As ordens de Diácono e Presbítero, recebeu-as na Capela do Paço Episcopal de Badajoz, conferidas pelo respectivo Bispo, D. Fernando Ramirez Y Vasquez, em 28 de Fevereiro de 1885 e em 19 de Junho de 1886.

Paroquiou a freguesia de São Silvestre da Aboboreira, desde 1886 a 1890. Apresentado na freguesia de Santa Clara de Alcaravela, por decreto de 22 de Maio de 1890, foi colado em 1 de Agosto, tomando posse em 7 desse mesmo mês e ano de 1890. Foi Prior de Alcaravela durante os últimos vinte anos da Monarquia e nos dois primeiros da República. Faleceu em Alcaravela, a 27 de Janeiro de 1913.

Era irmão do Bispo de Viseu, D. António Alves Ferreira.

### **JORNAL DE ABRANTES - 10 de Novembro de 1908**

#### **VALHASCOS - PELO TRIBUNAL.**

Agostinho Capador, solteiro, trabalhador, dos Valhascos, por ofensas corporais em José Lourenço, solteiro, trabalhador, igualmente de Valhascos. Absolvido por falta de provas.

Defensor: Dr. Bairrão. Juiz da Comarca Dr. Forjaz de Sampaio.

#### **VALHASCOS - AVISO:**

José Lourenço Galinha, agente de compra de azeites para a fábrica da União Fabril de Alferrarede durante a colheita de 1907, participa a todos os proprietários com quem teve transacções e bem assim aos carreiros que fizeram os transportes que durante 30 dias podem apresentar-lhe as suas reclamações sobre quaisquer dívidas havidas nas suas contas.

1-2-1908

### **JORNAL DE ABRANTES - 16 de Maio de 1909**

#### **PARTICIPAÇÃO**

##### **JOSÉ LOURENÇO GALINHA**

Participa ao respeitável público e a todos que queiram comprar fogo bom e afiançado, que o vende, de 9 bombas a 250 réis a dúzia e de 6 bombas a 220 réis. Também fornece fogo de artifício e foguetões em peças modernas e em cores, as mais finas e delicadas que é possível encontrar-se.

Quem quiser pode experimentar, pagando no fim. Despacham-se encomendas para todo o País. Dirigir Correio de Sardeal - Valhascos.

### **JORNAL DE ABRANTES - 7 de Maio de 1911**

#### **VALHASCOS**

O Sr. António Esteves foi há tempos à Exm<sup>a</sup> Câmara, queixar-se que João Lopes Caldeira, andava fazendo umas escavações em caminho público, sendo, porém, certo que tal serviço era feito com autorização da Câmara.

Ora, o mesmo António Esteves, trazendo há muito em mira apossar-se do aludido caminho, pediu licença para fazer umas obras com o fim de impedir o trânsito público, vindo deste modo a apossar-se do terreno que compreendia o mesmo caminho.

Esta é que é a verdade.

Agora se vamos a queixas, ouça o Sr. Esteves: Queixa-se o mesmo Caldeira de que o Sr. lhe estragara uma oliveira existente numa sua propriedade. Queixa-se ainda o Caldeira que tendo uma parede que entestava com o Esteves, esta, devido ao seu mau estado, caíra para o lado do Esteves e que ele, sem sua autorização dera a pedra ao Miguel Amaro.

E queixa-se, também, o mesmo Caldeira, que tendo mandado para o lagar do Esteves 52 alqueires de azeitona da última colheita, este se recusara a dar-lhe o respectivo bagaço, nem a sua importância e que tendo sido chamado à presença do Sr. Administrador do Sardeal, negou o facto.

Ora, o Caldeira prova com testemunhas a verdade do que afirma, ficando provado que o Esteves não tem dúvida alguma em sujar-se por tão pouco.

O público que avalie a moralidade do Esteves.

5-5-1911 (C.)



**«O POVO DE ABRANTES» - Domingo, 27 de Fevereiro de 1916**

**VALHASCOS - DESASTRE COM ARMA DE FOGO**

Nesta pitoresca aldeia deu-se no dia 19 do corrente, pelas 7 horas, um lamentável desastre que causou a morte do Sr. Severino Morgado, desta aldeia, dando-se o desastre da seguinte forma:

Estando a vítima a limar uma peça de uma pistola, modelo antigo, na persuasão de que estava descarregada, esta, tendo no cano uma bala, explodiu, o que fez que o projétil lhe fosse atravessar o ventre, causando-lhe a morte, depois de algumas horas de sofrimento. Severino Morgado, rapaz de 18 anos, era uma excelente criatura e estimado por todos que o conheciam, pelo que a aldeia lamenta o horrível desastre.

Pela nossa parte igualmente lamentamos e damos os nossos pêsames à família do infeliz.  
(Correspondente)

No mesmo número:

**VALHASCOS - ANEXAÇÃO DO CONCELHO**

O povo do Concelho de Sardoal, à excepção de meia dúzia de oposicionistas, que lhe não agrada o contraste, lá vem, de quando em quando, a famosa lembrança de pedir em altas vozes a anexação do concelho a Abrantes!...

Este projecto repete-se frequentes vezes, em todas as povoações do concelho, apesar de contínuas cansarias de imperativos, para fazer entrar no bote os obstinantes, que ao que consta não precisariam de lenço para limpar as lágrimas vertidas pelo desaparecimento do seu concelho...

Enfim, o povo lá tem as suas razões. Leva-nos a crer que ele não tem nenhum T na testa...  
Bicas, 14-2-1916 OIRAVALC

**«O POVO DE ABRANTES» - Domingo, 29 de Abril de 1917**

**CORRESPONDÊNCIA - VALHASCOS**

**GRANDE INCÊNDIO**

No dia 23 foi devorado pelas chamas o estabelecimento do nosso amigo António Cunha, rapaz activo e trabalhador.

Este nosso amigo parece ter o seu estabelecimento no seguro, mas de tal forma que este não lhe paga nem metade do valor que nele continha.

O Sr. Cunha, sua esposa e 7 filhos iam sendo vítimas das chamas. Um pavor!...

O incêndio foi de noite, aí pelas 24 horas, tendo-se salvo aquela família com bastante risco.

Metia dó ver espalhados pela rua, os filhinhos, sem roupa nem abrigo, a ponto tal que gente caridosa e humanitária os recolhia, ficando em diferentes casas.

Pela nossa parte, sentimos bastante a desgraça do Sr. Cunha, que devido à sua actividade e ajuda de amigos, dentro em breve terá de novo montado o seu estabelecimento.

Seu pai e nosso amigo, cabo de cantoneiros do Estado, tem estado bastante doente, tendo-se agravado a doença com este choque.

(Correspondente)

#### **«JORNAL DE ABRANTES» - 31 de Agosto de 1924**

##### **VALHASCOS - FALECIMENTO**

Na Primavera da vida, quando pelo seu fino trato, maneiras correctas e qualidades de filho obediente, irmão querido e amigo leal, ia conquistando o lugar a que tinha direito na terra, a Parca arrebatou para todo o sempre do nosso convívio, no melhor quartel da vida, aos 27 anos, o nosso amigo que se chamou Henrique Esperto.

A sua perda foi muito sentida não só aqui, como por todos os que de muito longe o conheciam.

O seu funeral que se realizou no dia 23 do corrente foi dos mais concorridos de que há memória. Do Sardoal e Abrantes e outras terras longínquas vieram, expressamente, incorporar-se no funeral muitos amigos que tiveram a felicidade de o ser, do destino do Henrique Esperto.

Em todo aquele grande acompanhamento viam-se olhos marejados de lágrimas, lenços limpando as lágrimas de angústia, tudo numa profusão de dor e amargura, que bem sintetizavam quanto foi querido o bom amigo que Valhascos perdeu. Que as nossas lágrimas sirvam de preces a Deus, para que seja feliz no Céu, já que mal chegaste a conhecer a vida na terra e que sirvam de lenitivo para a dor de teus pais, irmãos e quantos amigos contigo conviveram.

#### **«JORNAL DE ABRANTES» - 19 de Outubro de 1924**

##### **VALHASCOS**

Maria Jacinta Esperto, Joaquim Henriques Esperto e seus filhos, agradecem por este meio a todas as pessoas que se interessaram pelas melhoras do seu muito chorado filho e irmão, Henrique Esperto. Igualmente agradecem a todas as pessoas que se dignaram também acompanhá-lo à sua última morada.

#### **«O BALUARTE» - 17 de Maio de 1925**

##### **FALECIMENTO**

Com a idade de 23 anos, faleceu no dia 1 do corrente, na aldeia de Valhascos, a menina Carlota Maria, filha do Sr. Francisco Cunha e irmã dos Srs. António Cunha, comerciante naquela aldeia, Francisco Cunha, José da Cunha e Manuel da Cunha.

A desventurada menina era muito estimada, causando geral consternação a sua morte.

O seu funeral constitui bem o sentimento da população, pois foi um dos mais concorridos que aqui se têm realizado.

Ao nosso amigo e seus familiares, endereçamos o nosso sentido pesar.

#### **«O BALUARTE» - 21 de Junho de 1925**

##### **VALHASCOS - AGRADECIMENTO**

Francisco Cunha e esposa, António Cunha, José da Cunha e Manuel da Cunha, residentes em Valhascos, agradecem, por este meio, a todas as pessoas que se interessaram durante a doença de sua filha e irmã, a menina Carlota Maria, falecida no dia 1 do mês findo.

Também agradecem a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada.

Esta prova de amizade e de estima do povo de Valhascos será gratidão eterna para nós jamais podermos esquecer.

#### **«O BALUARTE» - 28 de Junho de 1925**

##### **PELOS VALHASCOS**

Valhascos, laboriosa povoação do concelho de Sardoal, onde tudo se entrega à rendosa faina agrícola. Que se vê por ali? Vontade de trabalhar, alvoroço pela vida, movimento pelas ruas, ferreiros a malhar, raparigas a cantar, tudo num céu aberto! Uma brisa santa como a que vem do «CEDROM», alenta os homens e aviva as almas.

Ali tudo marcha ao encontro da vida, dando combate, desprezando as ideias vesgas, apologistas duma vida escura.

#### **«JORNAL DE ABRANTES» - 9 de Maio de 1929**

##### **VALHASCOS - AGRADECIMENTO**

Severino Fernandes Carvalho, encontrando-se ainda convalescente, agradece aos amigos que o auxiliaram logo em seguida ao desastre de que foi vítima e bem assim a todos os que o visitaram durante a sua enfermidade e ainda aqueles que se informaram quer directa, quer indirectamente, do seu estado, especialmente os Srs. José Esperto e José Dias Ferreira.

Vem igualmente por este meio testemunhar a sua gratidão perante o ilustre clínico Sr. Dr. Raúl Weelhouse pelo carinho e proficiência com que sempre o tratou.

A todos, pois, a sua eterna gratidão.

#### **«JORNAL DE ABRANTES» - 5 de Janeiro de 1930**

##### **FALECIMENTO - VALHASCOS**

Em Paredes de Guardão (Caramulo), onde se encontrava em tratamento, faleceu no passado 1 do corrente, o Sr. Manuel Esperto Júnior, proprietário, natural desta localidade.

O finado era aqui muito estimado pelas suas qualidades de carácter e trabalho, tendo a sua morte causado grande consternação e enlutado uma família muito numerosa, a quem enviamos os nossos sentidos pêsames, em especial ao Sr. Seu pai, Joaquim Esperto.

#### **«JORNAL DE ABRANTES» - 20 de Agosto de 1933**

##### **VALHASCOS - ACHADO**

O Sr. José Lourenço Galinha Júnior, de Valhascos, pede-nos para informar que tem em seu poder uma pequena bolsa, com um anel, dois brincos de ouro, um lenço fino e mais objectos que achou próximo da fonte do Carvalho e que entrega a quem pertencer.

#### **«JORNAL DE ABRANTES» - 2 de Abril de 1933**

##### **VALHASCOS - ATENTADO**

Cerca das 22 horas de domingo passado, quando o conhecido pirotécnico desta localidade, Sr. José Lourenço Galinha Júnior estava na sua residência a escrever, alvejaram-lhe a porta da casa com um tiro de espingarda. Depois atiraram pedras contra contra uma janela partindo um vidro.

Aquele senhor, pouco depois, saiu a pedir providências ao Regedor, sendo-lhe ainda arremessadas mais algumas pedras que não o atingiram.

#### **«JORNAL DE ABRANTES» - 7 de Janeiro de 1934**

##### **POR VALHASCOS**

A residência do Sr. José Lourenço Galinha Júnior foi pela quarta vez assaltada numa das noites de Dezembro último, donde levaram dinheiro, nada de ouro, mas móveis e algumas peças de vestuário.

Na noite de 20 para 21 deste mês, foi a mesma casa alvejada com um tiro de espingarda.

#### **«JORNAL DE ABRANTES» - 8 de Julho de 1934**

##### **DESASTRE MORTAL - VALHASCOS**

Na aldeia de Valhascos, concelho de Sardoal, no dia 30 último, à tarde, Clementina Lourenço Mano, de 50 anos, mulher de Victor Mano, quando se dirigia da sua residência para uma propriedade, montada num burro, este espantou-se por causa de um ciclista, resultando a pobre mulher cair do animal e fracturou a coluna vertebral, vindo a falecer no dia seguinte.

Foi muito sentido este lamentável desastre porque a vítima era bastante estimada nesta aldeia.

#### **«CORREIO DE ABRANTES» - 14 de Outubro de 1934**

##### **DESASTRE NUM POÇO NOS VALHASCOS**

No dia 3 do corrente deu-se um desastre num poço que ia custando a vida a um pobre trabalhador. O caso foi que João da Costa Cabau carregou um tiro e este não rebentou no tempo devido e como já tardasse a rebentar o infeliz desceu ao fundo do poço para limpar o tiro e carregar novamente. Mas com tanto azar o fez que na altura que estava a carregar o tiro explodiu, deixando o pobre trabalhador em muito mau estado.

Socorrido imediatamente foi tratado no Sardoal, seguindo depois para Lisboa, onde ficou internado num hospital.

##### **CASAMENTO**

No pretérito dia 30, realizou-se o casamento do Sr. Manuel Dias Carola com a menina Matilde de Jesus Cunha, filha muito querida do Sr. António Cunha, conceituado comerciante nesta aldeia de Valhascos.

##### **FALECIMENTO**

Faleceu no dia 8 do corrente, o Sr. Serafim Carvalhal, de 72 anos de idade. O extinto era tio do Sr. Francisco Dias Raposeiro, digno Chefe da Secção Electrotécnica de Abrantes. Às famílias enlutadas sentidos pêsames.

#### **«JORNAL DE ABRANTES» - 18 de Novembro de 1934**

##### **CEMITÉRIO DE VALHASCOS**

No pretérito domingo, uma comissão de Valhascos, veio reclamar contra a construção do cemitério no lugar em que estava alinhado, não só por ficar em sítio muito visto, mas susceptível de ser povoado.

Consta que a reclamação foi atendida e que se vai, brevemente, escolher o local mais próprio para o dito melhoramento.

**«CORREIO DE ABRANTES» - 19 de Novembro de 1934**

### **VALHASCOS**

#### **RELÓGIO**

A Comissão promotora dos festejos realizados em Setembro último, teve a louvável iniciativa de oferecer à Escola Primária desta localidade, um belo relógio com o saldo das referidas festas.

Tal iniciativa merece os melhores elogios e oxalá que no futuros outros o sigam para o progresso desta terra.

#### **FONTE**

Consta-nos que em breve se vai proceder à captação de água da Fonte da Mina para o abastecimento do público. Oxalá que tal melhoramento se faça sem demora, pois sente-se bastante a falta de água.

#### **CEMITÉRIO**

Chegou ao nosso conhecimento que a Câmara Municipal vai construir um cemitério, ignorando-se ainda o local escolhido para este grandioso melhoramento.

Encerro a reprodução de notícias referentes a Valhascos com um pequeno texto publicado num suplemento do Jornal Ilustrado Português “A HORA”, sob a direcção de Bandeira de Tóro, em Julho de 1940:

### **VALHASCOS**

É a mais rica e produtiva de todas as aldeias do Concelho. O seu solo não tem igual porque dele se extrai de tudo em abundância: azeite, fruta, cereais, etc.. Não estaremos muito longe da verdade se afirmarmos que esta aldeia é a mais industrial e laboriosa. Com os seus trezentos e tal fogos, vivendo já religiosamente separada da freguesia-mãe, aspira, agora, como noutra lugar afirmamos, a emancipar-se sob o ponto de vista administrativo. Isto é, aspira a transformar-se numa freguesia, tendo já enviado, neste sentido, uma petição a S. Ex<sup>ª</sup> o Sr. Ministro do Interior e cujo deferimento o povo de Valhascos aguarda com ansiedade. Nada lhe falta: tem boas fontes, duas óptimas escolas, uma esplêndida estrada e uma cabine telefónica.